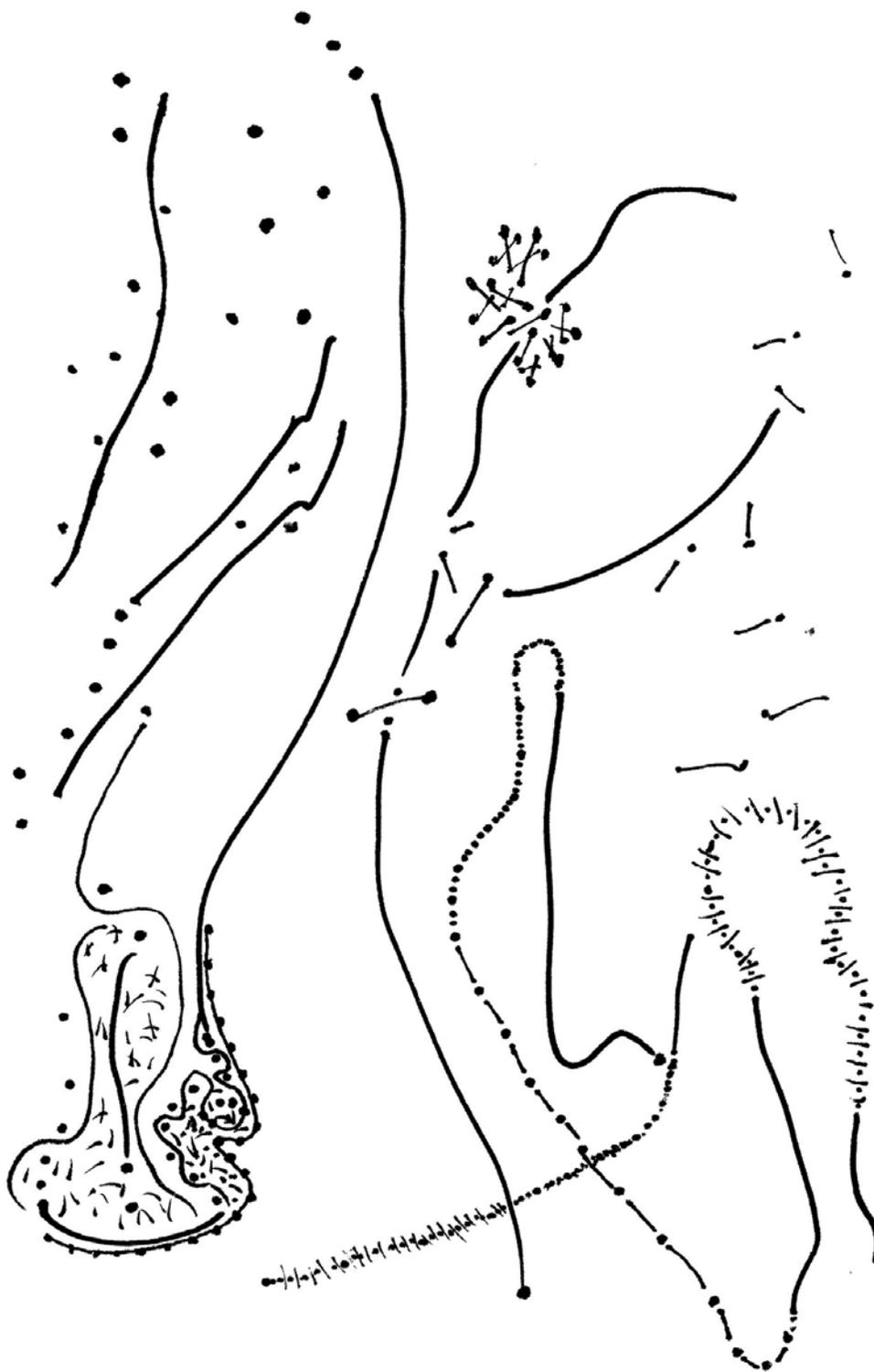


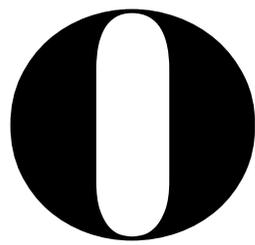
SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Janeiro/Fevereiro 2014
Edição nº 1.352
Secretaria de Estado de Cultura



da série "Partituras"

Marine Nazareth 2013



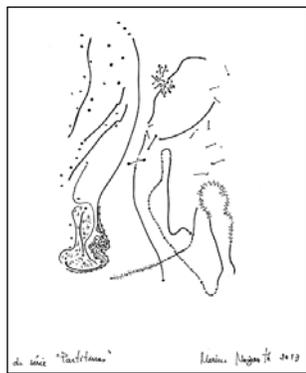
O desenho de capa desta edição é um resultado do encontro da música com as artes plásticas. Sua autora, Marina Nazareth, explica: "Desenvolvi a série de desenhos *Partituras* usando os elementos mais simples da linguagem visual. Linhas pretas em uma superfície branca trabalham ritmos que se apresentam aos músicos como um convite a um exercício sonoro de liberdade expressiva. Assim, teremos uma obra integrada, ponto e linha, som e silêncio, a integração dos desenhos com a improvisação musical". A exposição desses desenhos faz parte das comemorações do cinquentenário da Fundação de Educação Artística.

O jornalista mineiro Lucas Mendes, que é correspondente em Nova York e ancora o programa de televisão *Manhattan Connection*, conta suas experiências pessoais e profissionais em entrevista a João Pombo Barile, lembrando, também, o contato que teve com seu tio-avô, o poeta Murilo Mendes.

Apresentamos ainda um ensaio sobre a literatura de Jorge Luis Borges, por Alexandre Flores Alkimim, e uma visão sobre Guimarães Rosa, escrita por Lázaro Barreto, além dos contos de André Nigri, do escritor inédito Ewerton Martins e de Elisabeth Lorenzotti, que se utiliza de expressões galegas para narrar as peripécias de Pepe Velo, ou seu Xunqueira, que seria o mentor intelectual do sequestro do navio Santa Maria em protesto contra as ditaduras de Franco e Salazar.

A poesia é defendida por Júlia Zuza, Ricardo Teixeira de Salles – que também ilustra sua obra –, Fernando Rios e pelo francês Edmond Jabés, traduzido por Eclair Antonio Almeida Filho. Na última página, um poema inédito do músico, poeta e compositor Arnaldo Antunes.

SUPLEMENTO



Capa: Marina Nazareth

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretária de Estado de Cultura
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Diretor do SLMG
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Agência

Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

Textos assinados são de
responsabilidade dos autores

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Eugênio Ferraz
Catiara Oliveira Mello Afonso
Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Traço Leal
Plínio Fernandes
Danilo Lucari Ribeiro e Cassiano Reis
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabete Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira,
André Luiz Martins dos Santos
Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

LUCAS MENDES



ENTREVISTA A JOÃO POMBO BARILE

Qando convidamos o jornalista Lucas Mendes para uma entrevista, ele ficou meio desconfiado. “Sou jornalista, não sou escritor”, ele escreveu logo no primeiro e-mail que trocamos. Cético, não achava que fizesse algum sentido dar entrevista sobre literatura. Fã de carteirinha do seu trabalho insisti no convite. Mineiramente, não dizia nem sim nem não. “No mês que vem vou ao Brasil. E aí a gente conversa”, disse apenas.

Nunca tive nenhuma dúvida do talento literário de Lucas. Sempre que o leio no site da BBC, lembro de uma expressão cunhada pelo seu amigo, o saudoso Paulo Francis, que um dia definiu bem seu estilo: facilidade enganosa. “Lucas escreve como poucos jornalistas brasileiros. É coloquial, um crente da ideia mãe de Hemingway: ‘Fique no assunto e corte tudo o mais’”.

Depois de duas conversas e muitas trocas de e-mails, está aí o resultado. Lucas Mendes, 69 anos, mineiro de Belo Horizonte, falou dos amigos Paulo Francis, Henfil e Fernando Sabino, relembrou seus primeiros anos como correspondente nos Estados Unidos e de algumas reportagens que foram marcantes em sua carreira.

Os primeiros anos em Belo Horizonte, no Instituto de Educação

No Instituto de Educação entrei burro e saí leão. Depois vieram os Maristas e Colégio Militar, na primeira turma de Belo Horizonte. Eu era o 38, gostava do colégio. Não me lembro de ter feito concurso para o Colégio Estadual. É provável, mas não entra na minha memória. No Militar, eu me lembro de quando li a lista dos aprovados o meu nome estava em último lugar. Nota 5. Entre milhares de candidatos, era grande feito para um mau estudante. A camaradagem militar é forte, mas um major me reprovou em matemática na segunda série por um décimo ou mixaria parecida. Na repetição da segunda comecei a vadiar, fui reprovado, jubilado e despachado para o Colégio Arnaldo. Meu colega de cadeira era o Henfil, que eu já conhecia do bairro. Pulava o muro e matava aula no Parque Municipal. Na primeira parcial de português, nós dois estávamos colando quando o professor caminhou em nossa direção. Henfil jogou a cola dele embaixo de mim. Levei um zero e meu pai, super camarada, me despachou para o internato São Francisco em Pará de Minas. A capetice do Henfil salvou minha educação secundária. O professor de português não dava notas acima de 7. Não podia tomar outra bomba, enfiei a cara, aprendi a gostar de português, de inglês e de livros. Estava sempre no quadro de honra. Encontrei Deus, virei secretário da Congregação Mariana. Um carola que se masturbava, se confessava e comungava quase diariamente.

O jovem existencialista e o anão Albertinho

Um dia, ganhei o livro *Furacão sobre Cuba*, do Sartre, uma bobagem, mas autografado via tio José Guilherme Mendes, escritor, jornalista e meu guru. Sartre almoçou na casa dele e fez a dedicatória. O frei confiscou o livro porque toda leitura que entrava no colégio precisava ser aprovada. Me devolveu com um carimbo em cima do autógrafo e assinou o nome dele em cima do Sartre. Bye bye, igreja católica. Quase fui recuperado pelo frei Betto, amigo de adolescência e companheiro da generosa mesa do primo Ricardo Gontijo, jornalista premiado, escritor e meu professor de redação. Tio Antonio, pai do Ricardo, era dono do austero e impecável Hotel Gontijo onde, além dos almoços e jantares metafísicos, fazíamos maldades com o anão Albertinho. Depois de uma dose de vodka forte, nós o colocávamos na beira de uma janela alta na escada. O futuro frade ainda não pensava em batina, mas não participava das maldades.

Os anos de internato do colégio Pará de Minas

Fiquei dois anos e meio no internato, ótimos tempos. Eu era bom de bola, tinha privilégios nos horários, refeições e fins de semana, mas fazia parte de uma turma pesada. Periodicamente, assaltávamos a enorme geladeira dos freis e fazíamos banquetes noturnos. Às tardes íamos para a zona, não em busca das mulheres. O prazer era ligar para o colégio e avisar que um bando de alunos estava na zona. Daí a uns quinze minutos apontava na esquina a camionete verde do frei Canarinho. Aí, sim, era uma zona. O colunista, escritor e jornalista Flavio Anselmo, também bom de bola e sempre apaixonado, foi um dos amigos íntimos dessa turma.

A mudança para o Rio

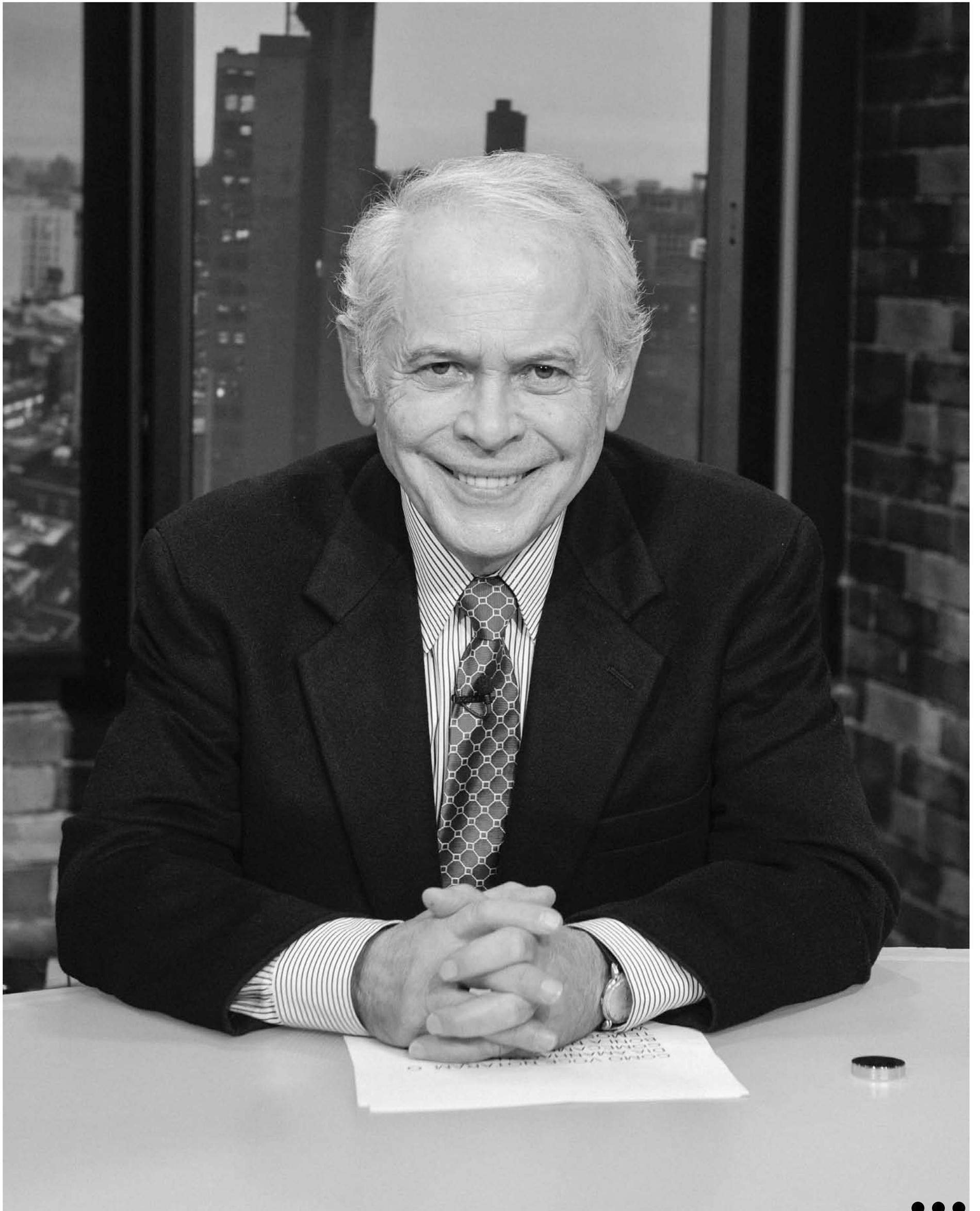
Em 1966 mudei para o Rio para fazer cursos e prestar concurso para a carreira diplomática. De dia era guia de turismo e revisor de publicidade até o Ricardo Gontijo, secretário do secretário de redação da revista *Manchete*, me convencer de que eu era jornalista. Disputei a vaga do Paulo Henrique Amorim com outros candidatos. Ricardo reescrevia meus textos e acabei contratado com o jornalista Carlos Castilho, mais tarde meu editor no *Jornal da Globo*. Estava na revista *Fatos e Fotos* quando recebi o convite do Mino Carta para participar da criação de *Veja*. Aceitei e acertamos nos números, mas logo veio a notícia de que tinha ganhado a bolsa do World Press Institute: quase um ano nos Estados Unidos.

A mudança para os Estados Unidos

A experiência americana foi uma lavagem cerebral enriquecedora. Dos quinze bolsistas da minha turma quase todos eram antiamericanos, mas nunca houve limitações de movimento ou censuras. Produziam entrevistas, contatos e pesquisas com os Black Panthers e outros grupos radicais. Nossa chegada coincidiu com a convenção democrata de Chicago, uma pancadaria maior do que as que tinham acontecido nos vários protestos que cobri em 1968, inclusive em Belo Horizonte. Minha decepção com a juventude americana foi grande nos primeiros contatos. O negócio deles era sexo e drogas. O protesto contra a guerra do Vietnã era fácil de entender, mas a informação política da maioria era mais superficial do que a dos estudantes brasileiros. Graças à bolsa, fiz estágios em pequenas e grandes publicações americanas. No Congresso, assistimos decisões do Supremo Tribunal, viajamos com os candidatos à presidência, tivemos acesso à mansão do Hefner em Chicago. Fomos a mais de quarenta estados americanos sem nenhum compromisso com nada além de uma curta apresentação no fim da bolsa. E éramos pagos. A intenção original era que voltássemos para nossos países mais bem informados sobre os Estados Unidos.

O pouco contato com Murilo Mendes

Um dos meus arrependimentos foi não ter convivido com meu tio-avô Murilo Mendes. O poeta vivia em Roma e era distante do braço belo-horizontino da família, aliás, de toda a família. Minha única conexão com ele foi promovida pelo tio José Guilherme, em 1972, num almoço no hotel Paissandu. Na mesa estava um editor de *Veja* que fazia uma entrevista para as "Páginas Amarelas". Ele dominou boa parte da conversa sobre literatura, mas senti falta do lado pessoal. Combinamos que Murilo um dia iria à Nova York e eu a Roma, mas ele morreu dois anos depois. Reforcei as conexões com ele graças aos Mendes de Juiz de Fora, uma cidade de onde ele saiu sem sentir nem deixar muitas saudades. Há a famosa frase "Murilo Mendes deixou Juiz de Fora. Parabéns para Murilo Mendes, parabéns para Juiz de Fora". Mas os juiz-foranos não ficaram magoados. O museu Murilo Mendes surgiu graças a esforços de Itamar Franco e de José Aparecido de Oliveira, então embaixador em Portugal, ao empenho de José Alberto Pinho Neves, hoje pró-reitor de



EU NÃO SABIA
ESCREVER PARA
TELEVISÃO E TINHA
UM CINEGRAFISTA
QUE NÃO SABIA
FILMAR. ÉRAMOS
DOIS APRENDIZES
INCENDIÁRIOS DE
FILMES DE 16 MM.

Cultura da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) e de Rachel Mendes Stepaich, como eu, sobrinha-neta de Murilo. E, claro, sem a cooperação da viúva, Maria da Saudade, que recebeu uma compensação em dólares, não existiria o museu MAMM, Museu de Arte Murilo Mendes.

Não conheço os museus ou institutos de outros escritores brasileiros, mas o MAMM deve ser um dos mais ativos do Brasil. Quando fui visitá-lo, estava fechado para detetização. Murilo, um campeão de deboches, faria um murilograma sobre os bichos do museu dele. Saí do encontro com o professor com nove livros sobre ou relacionados ao Murilo. Vivo fora e posso estar mal informado, mas este renascimento do Murilo é extraordinário e tem ramificações na Itália.

Na viagem do nosso único encontro no Paissandu, ele foi a Belo Horizonte e ficou na casa dos meus pais, na Rua Padre Rolim 110, ciceroneado e assombrado

pela direção alucinante do irmão Onofre. Numa tarde Onofre ofereceu a ele um drink. Murilo tirou o relógio de bolso e disse que se tivesse oferecido cinco minutos antes teria aceitado com prazer. A hora da reduzidíssima hora do álcool era às seis em ponto.

Trocando Paris por Nova Iorque

O plano era Paris. Tinha um amigo, Reinaldo, comissário da VARIG, que voltava de lá com histórias sobre cafés, vinhos, francesas, Sartre e as maravilhas da cidade. A ideia, ingênua, era passar dois ou três anos na ponte Rio-Paris, reforçar o francês e a educação para o concurso da carreira diplomática. Fui selecionado com uma turma de uns dez de Belo Horizonte para os testes no Rio e acho que fui o único finalista do nosso grupo. Mas fui reprovado pelo major-psicólogo depois de dez minutos de conversa. Ele foi curto e grosso: “você nunca vai ser comissário de bordo”.

O aprendiz incendiário

Eu não sabia escrever para televisão e tinha um cinegrafista que não sabia filmar. Éramos dois aprendizes incendiários de filmes de 16 mm. No Rio, um repórter saía da redação com 400 pés de filme – dez minutos – e às vezes voltava com

até três matérias. Eu e José Wilson fomos fazer um stand up de três minutos na Casa Branca e queimamos uma hora e meia de filme. E saiu uma merda. Se tivesse que começar no Brasil, jamais teria emplacado. A Globo, além de generosa, me surpreendeu pela liberdade nas pautas e nos textos.

Encontrando Roberto Marinho

Uma experiência, de quase censura, aconteceu quando fui encontrar o Dr. Roberto Marinho na posse do presidente José López Portillo, do México, em 1976, se não em engano. Armando Nogueira disse para eu me apresentar a ele porque “Dr. Roberto não sabe direito o que a gente faz e onde o jornalismo da televisão gasta tanto dinheiro. E peça a ele algumas sugestões para a cobertura”. Ele, muito simpático, marcou um encontro para o café na manhã seguinte. No final da conversa, sugeri que não se mencionasse um movimento de guerrilha que crescia no país e que ele achava que não tinha importância. Mas era assunto de destaque na imprensa internacional e não acatei a sugestão. No último parágrafo entrou a guerrilha. Tenho a impressão que ele nunca ficou sabendo, mas ele estava certo. A guerrilha, em poucos meses, caiu na irrelevância.

Saudades de El Salvador

O jornalismo da Globo ia bem e em expansão, mas sofria censura em casa. O plano era expandir fora, onde já estava a Sandra Passarinho, em Londres, e o Hélio Costa, que fazia o *Fantástico* em Nova York. Meu destino foi a América Central, onde tinha toda liberdade de falar mal dos generais e das ditaduras. Fui doze ou treze vezes a El Salvador, não sei quantas à Guatemala e à Nicarágua. Sinto saudades de El Salvador. Foi um momento importante, porque era um caldeirão perigoso e foi uma educação de como cobrir este tipo de guerra, como fazer e cultivar contatos com militares e guerrilheiros sem se queimar, onde e quando valia a pena arriscar. Trabalhar para televisão é mais complicado do que trabalhar sozinho. A câmera chama uma atenção nem sempre desejada. Os fins do dia eram gratificantes.

O amigo Paulo Francis

Conheci o Francis em 1971 ou 1972, quando ainda estava nos Bloch. Fui apresentado a ele pelo Luís Fernando Mercadante, que dirigia o escritório da Abril em Nova York. Éramos solteiros e saíamos com frequência. O Francis tomava quatro uísques duplos e comia um bifão. Depois estávamos para o apartamento dele, que tinha uma bela vista, e tome Wagner no último furo. Parcifal e Tristão e Isolda lideravam as paradas. Francis pontificava, perguntava e ouvia pouco, a menos que fosse fofoca política ou sexual. Sabia



de tudo sobre todos. Poucos anos antes tinha sido lançado, em inglês, *Cem anos de Solidão*, um sucesso extraordinário nos Estados Unidos, mas o Francis o achou fraco. Do García Márquez ele gostava do *Outono do Patriarca*. Joyce? Custou a ler *Ulysses*, apreciava a linguagem, mas o escritor era chato. Mesmo caso de Guimarães Rosa: musicalidade nas palavras, chatice no regionalismo. Dos nossos romancistas, era fiel a Machado de Assis. Euclides da Cunha era indispensável. Para minha surpresa, era um fã de Murilo Mendes e o recomendava como leitura e releitura. Sempre novo, econômico e inventor de palavras como luar, o verbo. Achava que Otto Lara Resende seria o nosso Proust. Bernard Shaw era o maior modelo dele e dizia que não havia possibilidade de vida cultural fora da Europa, mas Kafka também era um chato, idem para Salman Rushdie. Edmund Wilson era o máximo e Philip Roth outro máximo. Nos cafés da manhã, antes das gravações do programa *Manhattan Connection*, você achava que ele ia ter um orgasmo quando descrevia passagens de *O Teatro de Sabbath*. O apartamento dele é um duplex e, no escritório, no andar de cima, ainda estão sete reproduções do caricaturista David Levine: Samuel Beckett, Evelyn Waugh, Wagner, Gertrude Stein, Freud, Cole Porter, Billie Holiday.

Ajudando o amigo Francis

O Francis publicou seu primeiro romance, *Cabeça de Papel*, em 1977, me deu um exemplar com autógrafo ilegível e com a data de 1976. Eu li, reli e me perdi várias vezes. Disse a ele que o texto era confuso e tinha personagens demais. Ele tirava as críticas de letra e tentava explicar, mas eu não era o único confuso com os romances dele. Francis dizia que televisão era a força mais subversiva da sociedade, mas imprestável para balé, teatro ou cinema. Só servia para música, mas tinha uma grande coleção de óperas e balés em discos laser com uns oito monitores que sempre exigiam a presença do engenheiro da Globo para explica como ligar o aparelho ou mudar de canal. E televisão era ótimo para o Paulo Francis. Queria trabalhar na Globo. Informei ao Armando Nogueira e ele recebeu o interesse do Francis com simpatia. Desconfio que pediu apoio ao Otto Lara Resende, grande amigo dele e que também gostava do Francis. O pretexto da entrevista seria o livro. Colou.

O Encontro com Carlos Lacerda

Quem passou uns anos aqui nos Estados Unidos nos anos setenta foi o Henfil, mas os interesses dos dois não coincidem. Estivemos juntos em várias reuniões. O Francis achava que o Henfil jamais entenderia os Estados Unidos. Um encontro bizarro foi com Carlos Lacerda, um dos alvos

preferidos do Francis nas décadas de 60 e 70. Em meados dos 70, o Francis recebeu um telefonema do Lacerda propondo um jantar na Casa do Brasil. Ressabiado, Francis me pediu para ir junto, como testemunha. A certa altura, me deu uma bronca porque eu tratava o Lacerda como governador e fazia perguntas incômodas: “Lucas, para esta porra de governador. Pergunte o que você quiser, mas chame ele de Carlos”. Na minha casa e para os amigos Lacerda era um monstro, o mais reacionário dos reacionários. Fui de “governador” durante toda noite, mas no final do jantar eles se adoravam e pareciam íntimos desde a infância. Um abraço e mais outro. Lacerda tinha sido promovido de pior o melhor governador da história do Rio, e o livro dele, *A Casa do Meu Avô*, “era uma obra prima”. Num outro jantar, o Glauber Rocha chegou doidão ou “doidinho da silva”, para usar uma expressão de que ele gostava. Admirava os filmes *Barravento* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, mas achava que o exílio e a morte da irmã Anecy tinha destruído o talento de Glauber. Ele e Glauber discordavam, mas nunca brigaram. Esta entrevista não terminaria nunca se fôssemos ficar no Francis, mas vale a pena lembrar o dia a dia dele na Globo onde às vezes meio zangado com o mundo e com a imprensa, com “a avó atrás do toco”, para usar uma expressão de que ele gostava e não entendia. Para ele, 11 da manhã ainda era cedo para bom humor. Uma vez errou na tintura e o editor perguntou por que o cabelo dele estava verde. “Verde é seu rabo, palhaço”. Mas em pouco tempo, no deboche da redação, ele era o “Nhonho”, contador de histórias e generoso. Várias pessoas pediam a ele dinheiro emprestado. Ele costumava sentar-se à mesa ao lado e durante algum tempo gravei muitas conversas nossas. Quando saí da Globo, em 1990, eu e Francis nos afastamos. Ele se aborreceu por algum motivo que nunca me contou. Tinha destas coisas. Algum puxa-saco deve ter feito uma intriga. A reconciliação foi promovida pelo Elio Gaspari, mas eu já havia destruído as gravações das nossas conversas.

O amigo Fernando Sabino

Quando vi Fernando Sabino pela primeira vez, eu tinha 16 ou 17 anos. Ele foi falar no auditório do Colégio Estadual,

FRANCIS DIZIA
QUE TELEVISÃO
ERA A FORÇA MAIS
SUBVERSIVA DA
SOCIEDADE, MAS
IMPRESTÁVEL PARA
BALÉ, TEATRO OU
CINEMA.

TODOS PRESENTES,
COMO EU, IMPACTADOS
PELO *O ENCONTRO
MARCADO*, QUE FOI O
LIVRO TRANSFORMADOR
DA MINHA GERAÇÃO,
O NOSSO *THE CATCHER
IN THE RYE*.

onde tinha estudado quando se chamava Ginásio Mineiro e onde, apesar da vadiagem, era sempre o primeiro aluno da classe. Nunca tinha visto o auditório do Estadual transbordar de ouvintes. Todos presentes, como eu, impactados pelo *O Encontro Marcado*, que foi o livro transformador da minha geração, o nosso *The Catcher in the Rye*. Anos depois nos

conhecemos e tivemos inúmeros encontros em Nova York, mas não me lembro dele falando sobre Salinger. Me lembro de referências a Sinclair Lewis, Hemingway e de Fitzgerald, e, deste, o livro de que mais gostava era *This Side of Paradise*. Sabino correspondeu às expectativas da jovem plateia, engraçado, ótimo contador de histórias, e fiquei muito feliz quando ele me procurou em Nova York. Deve ter sido em 1977 ou por aí e gostei tanto dele que, entre outras coisas, emprestei a ele meu carro para fazer uma viagem de alguns dias

pela região. Acho que chegou até o Canadá. A partir daí, em quase todos os outubros, para comemorar seu aniversário, ele e Lygia vinham outonar em Nova York. A livraria favorita dele era a Gotham, três andares na rua 46 especializada em autores do século 20 e onde, acho, Fernando foi fotografado com um grupo de conhecidos escritores americanos.

A paixão de Sabino pelo jazz

Mas Nova York, para ele, era jazz. Às vezes ia ouvir e conversar com Dom Salvador no restaurante River Cafe, no Brooklyn. Eram amigos desde o Beco das Garrafas. Em Manhattan, o ponto dele era o Red Blazer Too, na Rua 46, onde atuava a última das grandes bandas com 16 músicos e, de vez em quando, ele tocava bateria. A Lygia chegava depois do teatro, que não conseguia prender a atenção dele. Dormia já no primeiro ato. Com uma dose de uísque com gelo, Fernando decifrava as músicas na terceira ou quarta nota, sabia a história completa de quem a tinha composto ou gravado. Uma enciclopédia. Eu tinha comprado, bem antes, uma coleção extraordinária de uns 120 elepês de jazz lançada pela *Time Life* e que já não estava mais à venda. Fernando queria fazer negócio. Os discos vinham em grupos de 12, em dez caixas. Eu disse a ele que a cada ano poderia

levar uma. Não sei quantas levou no final nem onde foram parar as que sobraram.

Os 60 anos do escritor

Quando o Fernando fez 60 anos, fizemos uma entrevista para a Globo caminhando na calçada do Central Park com microfones sem fio. No final, fomos fazer xixi no banheiro do hotel Pierre e nos esquecemos de desligar os microfones. Ele lembrou a história do Hemingway sobre o pênis do Fitzgerald num café em Paris. Quando voltamos, a equipe que ouvia pelos audíofones dava gargalhadas. Fernando não contava piadas sujas nem casos pornográficos.

Sobre Zélia, uma Paixão

Para muitos críticos, *Zélia, uma Paixão* foi o momento pornográfico, o escorregão de Fernando Sabino. Eu tenho certeza de que o livro não foi culpa minha, mas ele ficou impressionado quando voltei do Canadá e na mesma noite, em minha casa, descrevi para ele o discurso da Zélia numa reunião do FMI. Eram presidentes de bancos centrais e ministros da fazenda de todo o mundo, homens enormes e parrudos, nutridos à carne durante várias gerações. A Zélia era mínima, mas ninguém dava um pio enquanto ela contava como e por que o presidente Collor tinha confiscado o dinheiro dos brasileiros para o bem da nação. Na hora eu chorei de emoção. Parecia verdade.

Um dos nossos últimos encontros foi em 1992. Ele veio em dezembro para a passagem de ano e soube da morte do Otto Lara Resende. Desmontou. Eram íntimos desde a infância. Pouco depois veio a separação dele com Lygia e Nova York saiu do roteiro.

A entrevista com Norman Mailer

Entrevistei Mailer uma vez, na casa dele, com uns sete colegas do grupo da bolsa de estudos. A casa em Brooklyn Heights não estava mobiliada e nos sentamos todos no chão da sala, a luz de vela, com uma vista preciosa do Hudson e do sul de Manhattan. Depois eu, o estudante inglês e o australiano, batemos na porta da casa dele sem aviso e com uma garrafa de vinho. Fomos educadamente despachados. Cobri a campanha dele para prefeito e várias vezes respondeu a perguntas sobre a eleição. Em 1969, nos encontramos em Houston no lançamento do homem à lua. Ele cobria o acontecimento para a *Life*, e mais tarde saiu em livro. Quando perguntei a ele o que estava fazendo, respondeu: “ruminando”. Estava irritado com a falta de emoção e a esterilidade da NASA. Na Flórida, para o lançamento da Apollo 11, estava mais animado. Fui à festa de 60 anos dele no Four Seasons e, nesta época, escrevi pedindo uma

entrevista. Ele respondeu com um bilhete que se eu esperasse 10 anos ele me daria uma exclusiva. Dez anos depois cobrei a promessa e ele respondeu: “Sei que prometi, mas tenho uma mentalidade criminosa e não vou cumprir”. Não sei aonde foram parar os bilhetes dele.

Entrevistando Henry Miller

Tive mais sorte com os bilhetes do Henry Miller. Quando ele fez 80 anos, o chefe do escritório da Manchete me pediu uma entrevista com ele. Ele morava na Califórnia e respondeu negando, mas o bilhete dele trazia uma frase expressa: “O dia que merda valer dinheiro pobre nasce sem cu”. Eu escrevi para ele sugerindo que o português coloquial era aceitável, mas seria mais correta no futuro, “vai nascer sem cu”. Ele então mudou de ideia sobre a entrevista. Me daria uma hora. Cheguei com dois Bordeaux que ele tinha mencionado num dos *Trópicos*, livros obrigatórios nas nossas masturbações físicas e mentais. A casa era confortável e sem luxo e lá estava a simpática mulher coreana, muitos anos mais nova do que ele. Ficamos quase duas horas, fizemos uma caminhada na calçada e voltei feliz com a entrevista, mas chateado com o fotógrafo que não fez uma foto nossa juntos. Caprichei na introdução. Hugo Estenssoro, conhecedor de Miller, deu algumas sugestões, mas fiquei chocado quando a revista creditou meu texto ao copydesk. Foi a primeira e única vez que alguém roubou um texto meu.



JOÃO POMBO BARILE
é jornalista e coordenador do SLMG.



Diário selvagem da beleza

JÚLIA ZUZA

02 de março

Domingo

As unhas crescem sem medo. É fato.
Semana após semana, eu as corto. Inútil
As unhas continuam a crescer, sem medo.

17 de julho

segunda (depois de sábado)

Idas ao sacolões no dia certo para se comprar verdura fresca, tenra.
Toda quinta é dia de feira. Toda quinta precede e antecipa uma
terça-feira.
O calendário segue impune. Ocaso das couves.

Hoje

Onde o dia que eu não via?

21 de dezembro

Sexta

Pago contas e estaciono nos lugares permitidos.
Mas esqueço sempre meu guarda-chuva num canto de sala. Já não
se fazem chuvas como antigamente.
Não frequento salões de beleza: as unhas crescem, Aníbal. Mesmo
que eu não permita.

30 de outubro

Ontem

Desbotadas lembranças do casamento. Aníbal na foto me abraça debaixo do guarda-chuva.

Eu usava óculos fundo de garrafa para poder guardar aquela tempestade.

— Uma taça de vinho do Porto, por favor. Ele quis dizer alguma coisa, eu sei, sei que quis. Mas o quê.

04 de julho

Férias

Entro no mar como quem guarda os pratos na estante. Apenas entro, apenas estou.

Quero ser logo.

— Tudo já sempre foi assim?

O mar é salgado como um beijo.

07 de julho

Quinta-feira

Dia de sacolão.

Escolho couves sem constrangimento de tatear aquela beleza ordinária que só a natureza sabe ter. Prefiro as amareladas.

19 de março

segunda

Compro gaiolas cheias de vento. Posso escutar.

Vejo bem com meus antigos óculos fundo de garrafa os pássaros de hoje. Saberão eles onde pousar, Aníbal? Aníbal não responde. Mas ele fala. Ecoa.

06 de janeiro

Aniversário

— Peguei um cigarro escondido do papai. Vamos fumar?

— Mas onde? Tem que ser antes da tia Sandra voltar do açougue.

— Tem o beco aqui do lado. Mas você vai fumar mesmo, né?

O beco era verde-lodo e úmido. Eu tossi muito e achei o cigarro com gosto horrível.

Mas traguei melhor que atriz de Hollywood. Meu pai nunca desconfiou. Da minha irmã, lembranças de irmã mais nova.

27 de agosto

Terça-feira

Estourei uma bolha na mão, queimei com o fósforo.

Hipnotizada seguindo a linha vermelha consumir lentamente o escuro do palito.

Luzir fugaz. A superfície da vida é vermelha, penso eu.

Derrama o leite fervido.

13 de setembro

Hoje

Comprei lindas botas de camurça, verdes escuras.

Aníbal não entende porque tão grandes. — Assim as unhas crescem livres e eu não preciso cortá-las, Aníbal.

Polir a aspereza dos dias numa bota cor de couve.

Júlia Zuza, mineira de Belo Horizonte, é mestranda em literatura pela Universidade de Coimbra/Portugal.

JÚLIA ZUZA

mineira de Belo Horizonte, é mestranda em literatura pela Universidade de Coimbra/Portugal.

PAPAI ESTÁ DEMORANDO

CONTO DE ANDRÉ NIGRI

“Você pode fechar os olhos na hora que ninguém vai perceber”, disse o amigo sentado ao seu lado no banco traseiro do carro.

“Não, vou ver também”, ele disse olhando pela janela as construções arruinadas do bairro no qual o táxi acabara de entrar.

“Você que sabe, mas acho que não fará bem você olhar.”

Talvez não fizesse mesmo, mas se ela disse que era importante e que não teria paz se aquilo não fosse feito, então ele achava seu dever fazê-lo. O carro embicou por uma pequena e íngreme ladeira pela qual ele não se lembrava de ter passado há pouco mais de uma semana.

“É por aqui mesmo?”

Antes que o amigo dissesse qualquer coisa, o motorista respondeu. “Tem uma fila grande lá na frente. Por aqui a gente chega mais rápido.”

Não seria melhor se estivessem sozinhos? Mas ele por acaso não sabia que se morre o tempo todo, todos os dias e a cada hora? Sim, não se para de morrer. Jamais conseguiriam estar sozinhos.

De fato, foi bem rápido. O carro já estacionara ao lado da portada na qual se lia em letras grandes e estilizadas: pax aeternum. Ao estender a mão com o troco, o motorista disse: “Deve ser enterro de gente importante”.

Havia um longo cortejo subindo a alameda principal. O amigo o puxou pelo braço para a direita, e eles atravessaram um grande número de mausoléus e túmulos até chegarem à casa da administração, de onde saíram seguindo um funcionário.

O homem que os conduzira até a parte baixa do cemitério agora conversava com dois colegas, ambos vestidos de uniforme cinza e com as mãos apoiadas sobre pás. A laje sobre o túmulo tinha sido retirada e, ao lado dela, um monte de terra vermelha brilhava sob o sol.

Será que isso era mesmo preciso?, perguntava-se o amigo com os olhos postos sobre a cova aberta alguns passos adiante. Por que não o deixam descansar de uma vez?

“Escuta”, disse, “você realmente não precisa passar por isso. Por que não fica aqui e eu resolvo tudo sozinho?”

Mas ele não o ouvia. Seu rosto estava voltado para o topo da colina onde árvores de grandes copas deitavam uma mancha escura sobre os mausoléus. Era para lá que o grande cortejo se dirigia. Sem dúvida que ali era mais digno dele, pensou. Puxou o amigo para que ele também olhasse e disse: “Mamãe está certa, ele merece ficar no alto e na sombra.”

Há uma semana, quando o enterraram, o céu estava coberto de nuvens e o cinza se misturava aos tons escuros dos ternos e vestidos. Naquela manhã, ao contrário, o ar estava limpo e um grande sol brilhava. Um dia depois de sepultá-lo eles almoçaram pela primeira vez só os dois. Olhando para o lugar vazio na mesa, ele deixou escapar, “papai está demorando”, e começou a comer sem apetite algum. Talvez pela força do hábito, a empregada colocara a mesa para três. A velha gritou e uma mulher corpulenta surgiu na porta da cozinha. Era negra e servil.



Samuca Martins

Olhava de baixo para cima em direção à patroa, que apontava o serviço sobre a mesa.

“Tire isso daqui agora!”

A negra tremia enquanto recolhia o prato e os talheres e quase os deixou cair ao voltar para a cozinha. Os olhos da mãe resplandeciam de emoção e perspicácia. Ela largou a faca sobre o prato com a comida intocada e lhe estendeu a mão. Depois de algum tempo disse: “Há algo terrível que eu não fiz, meu filho.”

Ele ainda não se recomposera daquela cena com a empregada e mantinha sua mão presa à dela por cima da mesa.

“O que foi, mamãe?”, ele perguntou enquanto tomava a resolução de que não deixaria que as refeições fossem diferentes agora com a ausência do pai. Era só uma questão de controle, e ela podia ficar tranquila, ele agora assumiria o comando de tudo. Olhava com o ar vago enquanto ela falava que, como tudo se dera de uma hora para outra, não refletiu

ao escolher o lugar onde seu pai seria sepultado, mas depois alguém a avisara do equívoco e ela resolveu comprar um jazigo no alto da colina onde havia árvores e de onde se podia contemplar o horizonte; que ela o perdoasse por aquilo, mas que não teria paz de espírito se ele não fosse para lá. E já que era preciso abrir o ataúde para trasladá-lo, oh!, era obrigatório que alguém da família fizesse o reconhecimento do corpo, algo de que ela se julgava incapaz. Por isso, devia ele ir em seu lugar, e, já que isso também seria inevitável, que ele aproveitasse e pedisse ao coveiro que retirasse sua aliança, pois, por tudo ter acontecido tão repentinamente, havia se esquecido disso e, para honrar sua viuvez, era necessário que ela unisse a aliança dele à sua.

Nenhum dos dois tocara na comida. Ela mergulhara o rosto nas mãos e não parava de gemer. A cabeça dele pesava e tudo à sua volta estava mergulhado em um véu que encobria a realidade. Estendeu seu braço um pouco acima dos ombros dela e, fazendo-lhe carinho no cabelo, disse:

“Não fique assim mamãe, vou fazer como a senhora pediu.” Sua voz também não parecia real, ele pensou; saíra num sopro diáfano e ele não tinha certeza de que suas palavras chegaram aos ouvidos da mãe.

O funcionário da administração voltou até onde eles estavam, enxugando o suor que brilhava na sua testa.

“Eles estão prontos para abrir.”

Os dois se entreolharam e ele acenou com a cabeça para o amigo.

“Mas tem uma coisa”, disse o funcionário deslocando-se um pouco como para barrar a visão dos coveiros. “Nenhum deles quer tirar a aliança.” O funcionário estava acostumado com muita coisa naqueles anos todos de administração, mas ainda assim se espantava com pedidos como aquele e na crueldade de quem os fazia. “A morte pode deixar as pessoas loucas”, dizia sempre.

O amigo o puxou para que conversassem sozinhos. Ele olhou de novo para o alto da colina e pensou que lá devia estar bem fresquinho, debaixo daquelas árvores frondosas.

“Você sabe que árvores são aquelas?”, ele perguntou.

Voltando o rosto para cima, o amigo respondeu: “Eles normalmente costumam plantar ciprestes porque as raízes crescem apenas para baixo e não se espalham, mas acho que aquelas lá não são ciprestes. Não, eu não sei como elas se chamam...Mas escute...”

“E só gente importante é levada para lá”, interrompeu ele observando o féretro se aproximar do topo e a grande fila de preto que se estendia atrás.

Sim, agora o amigo o achava burro. Por que insistir se ele se recusava a sequer ouvi-lo? Como podia ser tão estúpido? É claro que para o amigo não seria nada fácil, claro que não. Mas ainda que pudesse colocar as tripas para fora, iria até lá e arrancaria o maldito anel rapidamente – lembrou-se de ter lido ou ouvido em algum lugar que unhas e pelos crescem mesmo depois da morte e sentiu um oco se dilatando dentro dele. Não era seu pai, mas ele e o velho se estimavam muito. O velho era mesmo um sujeito muito legal. Como podia uma pessoa como ele morrer assim de uma hora para outra? Mas ele não tinha muito tempo para filosofar, os coveiros já pareciam meio impacientes.

“Olha só, não há mesmo a menor necessidade disso”, disse prendendo com sua mão o braço dele.

“Disso o quê?”

Meu Deus, como ele estava nas nuvens! Como o sofrimento deixa as pessoas em outra galáxia! Engoliu em seco antes de responder: “De fazer o que sua mãe te pediu. É horrível e você não vai esquecer isso para o resto da sua vida. Além disso, ela nunca vai ficar sabendo.” Imediatamente se deu conta que não deveria ter dito a última frase e desejou

como nunca que um sortilégio pudesse submergir aquelas palavras no esquecimento, mas já era tarde.

Ele desviou os olhos lá de cima, do alto da colina, onde o ataúde acabara de chegar e uma música começara a ser executada por um quarteto de cordas. Voltou-se para o rosto assustado e arrependido do amigo e disse: “Você está enganado.”

O que ele teria querido dizer com aquilo?, perguntou-se o amigo enquanto o via se afastar em direção aos três homens. Correu até lá e o pegou de novo pelo braço forçando-o a se virar em sua direção. A música tocada lá em cima tinha um estranho vigor, uma pressa, e era como se alguém estivesse correndo. Os dois ficaram em silêncio, enfeitados pela beleza da melodia. E o amigo viu quando os olhos dele se encheram de lágrimas. Ah, como o amava! E alguma coisa dentro dele parecia dar um grande nó e tudo o que ele queria é que aquele sofrimento saísse da sua alma. “Por que ela está fazendo isso com você?”, ele perguntou com as mãos apoiadas em seu ombro. Então eles se abraçaram com os rostos muito juntos; abraçaram-se e choraram juntos. A música chegara a um adágio quando começaram a caminhar em direção aos coveiros, que estavam ao lado do caixão.

Na hora do almoço ele entregou a aliança do pai à mãe e disse-lhe que agora ele estava no alto da colina sob a copa de grandes árvores. Desde quando a humilhou aos berros, a empregada não repetira o equívoco de colocar um terceiro serviço à mesa. Mãe e filho se sentaram e comeram em silêncio.

O tempo passou, o amigo mudou-se para outra cidade, ele se casou e levou a mulher para morar na casa de sua mãe. Ela ocupava agora o lugar em que o pai se sentava. Tiveram dois filhos, que cresceram ali, e por isso foi preciso comprar uma mesa maior. Ele e a mãe não se entendiam mais, mas ele jamais deixou de fazer o que ela lhe pedisse. Os filhos se casaram e saíram de casa. A mãe envelhecera muito, até um dia em que ele encontrou seu corpo tombado sem vida na cama. Aos prantos, ele ligou para um dos filhos. Não conseguia tocar na morta.

ANDRÉ NIGRI

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista. Em parceria com Flávio Moura, publicou a biografia *Adoniran – Se o Senhor não tá Lembrado* (Ed. Boitempo, 2001).

Borges em busca de filósofos do passado

UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DO CONTO A *BUSCA DE AVERRÓIS*, DE JORGE LUÍS BORGES

A Ernesto Perini-Santos

Cultura é o sistema de ideias vivas que cada época possui. Melhor: o sistema de ideias das quais o tempo vive.

José Ortega y Gasset

ALEXANDRE FLORES ALKIMIM

Inicialmente o texto de Jorge Luis Borges nos apresenta as seguintes questões: “Poucas coisas mais belas e mais patéticas registrará a história além dessa consagração de um médico árabe aos pensamentos de um homem de quem o separavam quatorze séculos; às dificuldades intrínsecas devemos acrescentar que Averróis, ignorando o grego e o siríaco, trabalhava sobre a tradução de uma tradução”. E, por conseguinte: “... duas palavras duvidosas o detiveram no princípio da ‘Poética’. Essas palavras eram tragédia e comédia. Encontrara-as anos atrás no livro terceiro da ‘Retórica’: ninguém, no âmbito do Islã, atinava com o que queriam dizer”. Além de acrescentar: “Inutilmente fatigara-se nas páginas de Alexandre de Afrodisia, inutilmente compulsara as versões do nestoriano Hunain ibn-Ishaq e de Abu-Bashar Mata”. De modo que, nessa primeira abordagem, nos deparamos com alguns aspectos, concernentes

aos estudos de autores e de filósofos antigos, os quais suscitam muitas dúvidas e/ou incertezas, e que podem ser assim expressas ou traduzidas: o tempo, e tudo o que dele pode ser derivado (diferenças sociais, linguísticas e culturais), serviria para nos aproximar ou nos distanciar dos ditos autores, e no caso em questão, do próprio Aristóteles? Como compreendê-los (os filósofos antigos), sem que acrescentemos algo às suas ideias? Ou então, o tempo se encarregaria de propor algo a mais, ou seja, na medida em que reconfiguraria ou atualizaria conceitos e pensamentos de uma outra época? E, em sendo isso possível, as ideias seriam produzidas dentro de um contexto e/ou de uma situação específica?

Nessa perspectiva, segundo Aristóteles (2009) – o estagirita, o filósofo, o sábio a quem Averróis se dedica, em seus comentários e estudos filosóficos, conforme descrito na obra de Borges –, em seu livro *De Anima*, o homem é um animal dotado de algumas faculdades,

consideradas por ele como especiais, sendo elas a imaginação e o intelecto. Dito de outro modo, para o filósofo grego, a base de todo o conhecimento humano provém da sensibilidade, já que o intelecto precisaria, portanto, de tal elemento, para se atualizar e se tornar inteligível. Sendo assim, a abstração se daria por meio da percepção sensível, ou seja, os elementos fornecidos pelos sentidos (visão, tato, audição, paladar e olfato) seriam o substrato do qual a inteligência se utilizaria para efeito de constituição de um saber, ligado à materialidade e às coisas do mundo. No dizer do filósofo: “O fato de pensar depende do sujeito que pode exercer este ato; o ato de sentir, por outro lado, não depende dele: sendo para isso necessário que o sensível lhe seja concedido” (LIMA *apud* ARISTÓTELES, 2009, p. 23).

Ademais, para Aristóteles (2009), a faculdade imaginativa é a que possibilitaria, ao indivíduo, produzir imagens advindas do contato direto com os objetos materiais presentes na realidade, e sendo que tais imagens ficariam retidas na memória. Assim, estas imagens poderiam ser acessadas sem que houvesse a necessidade de nova experiência sensível com vistas a “reacendê-la” em nosso intelecto. E, conforme se verifica no texto de Borges, essa experiência pode ser também observada no trecho em que o personagem, Abulcásim, relata uma experiência – considerada como insólita –, no qual há uma descrição de uma encenação e de um fato parecido com uma peça de teatro, apesar de desconhecer totalmente o significado daquela experiência, ou melhor, ele não tinha uma explicação válida e convincente sobre o fato ao qual havia testemunhado, tempos atrás, em uma de suas viagens em *Sin Kalan* (Cantão).

Como assevera Davidson (2009), Aristóteles não foi capaz de esclarecer, de forma clara e evidente, a natureza desse processo intelectual; ele não conseguiu estabelecer a que tipo pertence tal inteligência, ou mesmo, no que consiste esta atividade em seu sentido estrito. Logo, o referido filósofo baseou-se tão somente em analisar a conexão existente entre as faculdades intelectual e imaginativa, ao definir que o intelecto seria dependente das imagens fornecidas pela imaginação, bem como a sua atuação derivar-se-ia delas (as ditas imagens sensoriais). O autor, também, destacou que a indefinição, proposta por Aristóteles, no que tange ao intelecto e suas funções e/ou propriedades, gerou uma série de interpretações e, conseqüentemente, diversos comentários (referentes tanto à tradição helenística quanto à medieval) a esse respeito.

Desta feita, embora existam lacunas no que toca à relação entre o que é dado pela sensação e o que é estabelecido pelo intelecto, tais concepções baseiam-se, em grande medida, na chamada descrição aristotélica do processo de cognição, que trata da recepção da forma de um objeto específico do qual se extraiu a sua materialidade.

Averróis (2009), por sua vez, define como formas materiais a relação existente entre as formas dos objetos físicos e as formas da alma oriundas tanto dos dados externos quanto dos sentidos internos (sentido comum, imaginação, cogitação e memória), através do qual os inteligíveis podem ser assim acessados ou mesmo adquiridos. Nesse sentido, a aquisição de algo que é universal – como o conceito de cor ou a de uma espécie animal, por exemplo – passaria, necessariamente, pela afecção

material de um dado objeto, a ser percebido sensorialmente, e depois depurado na alma. Por causa disso e em razão dessa interferência, no plano da percepção, é que um cego jamais poderia adquirir o conceito de cor.

Vê-se, pois, que a construção de um determinado conceito (o inteligir sobre algo) está vinculado às imagens que se tem acerca de uma determinada coisa. Logo, para Averróis, os inteligíveis pertencentes a um indivíduo não são completamente idênticos aos de outro indivíduo. E tais inteligências, sobretudo o intelecto potencial e a faculdade cogitativa, estão também sujeitas à mudança, bem como vinculadas a cada um desses indivíduos – enclausurados em suas formas perceptuais e imagéticas –; não obstante o fato de existirem outras formas de inteligência, apontadas pelo mencionado filósofo, em muitos dos seus comentários com relação a Aristóteles, dentre as quais podemos citar: as inteligências separadas (dos corpos celestes), inteligências agentes e a inteligência em ato puro (Deus: o primeiro motor), e todas elas prescindindo, parcial ou totalmente, da materialidade.

Ainda, segundo o filósofo árabe-cordobês, o nosso processo cognoscitivo (como se dá o nosso conhecimento) envolve a recepção e a captura de uma substância que é separado da matéria, embora tenha o seu início nos dados provenientes dos sentidos, passando, doravante, pela imaginação até atingir o seu ápice no intelecto. Com efeito, o sensível é tudo que pode ser captado pelo intelecto, a exemplo da passagem, no conto de Borges, em que o personagem de Averróis defende a tese de que as rosas, cultivadas em todo tipo de terreno e encontradas em quaisquer regiões, pudessem ser descritas por meio de palavras. Sendo, portanto, a escrita uma arte e, como toda e qualquer experiência a ela relacionada, definida a partir do nosso intelecto. Conforme se pode deduzir da seguinte passagem, do Conto, em tela:

“(…) Então Averróis declarou, prefigurando as remotas razões de um ainda problemático Hume:

– Menos me custa admitir um erro no douto Ibn Qutaiba, ou nos copistas, do que admitir que a terra dê rosas com profissão de fé.

– Assim é. Grandes e verdadeiras palavras – disse Abulcásim.

– Certo viajante – lembrou o poeta Abdalmalik – fala de uma árvore cujos frutos são pássaros verdes. É menos difícil acreditar nele que em rosas com letras.

– A cor dos pássaros – disse Averróis – parece facilitar o milagre. Além disso, os frutos e os pássaros pertencem ao mundo natural, mas a escrita é uma arte. Passar de folhas a pássaros é mais fácil que de rosas a letras” (BORGES, 1998, p. 74).

Portanto, um filósofo também importante e que merece ser citado nesse contexto teórico – a exemplo da passagem acima descrita do texto de Borges –, é David Hume. Uma vez que, de acordo com Hume,



Humberto Werneck

Estátuas de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares no Café La Biela, bairro La Recoleta, em Buenos Aires.

o conhecimento é fruto da experiência e só pode ser adquirido por via das sensações. Para esse filósofo, qualquer noção, sendo ela simples ou complexa, somente pode ser concebida a partir do modo como é então percebida, ou seja, o pensamento deriva-se e compõe-se de impressões sensíveis. A impressão seria, nesse caso, a causa direta da ideia surgida na mente. A lembrança de tal impressão é o que geraria a noção que se tem sobre a coisa vivida e experimentada na prática. De tal modo que, a experiência (sensorial) que se tem de um limão, por exemplo: o seu cheiro, a sua cor e o seu sabor (puxado para o azedo) é o que constituiria a noção e o conceito que se tem desse objeto a que se pode chamar de limão; é o que serviria de base para o nosso entendimento disso que se diz ser um limão. Em poucas palavras, graças aos sentidos é que obtemos o material necessário para a formação de um conhecimento que tem correlação direta com a realidade.

Para Hume (1996), existe um problema relativo às noções complexas que não têm correspondentes complexos na realidade material. Razão pela qual determinados conceitos, como o de anjo ou mesmo o

de Pégaso (o mito do cavalo alado), não podem ser conhecidos e nem tampouco percebidos. Nessa vertente é que surge a seguinte pergunta: de que impressões surgiram tais noções? Para o filósofo, essa questão só pode ser respondida, na medida em que: uma noção complexa possa ser decomposta em suas noções simples, sendo estas constituintes daquela. Dessa forma, então, é que podemos dizer que a mente produziu um conceito complexo acerca das duas noções (a de anjo e o de Pégaso) a partir de noções advindas de impressões simples; ou seja, a mente realizou a junção entre a impressão de um animal – no caso o cavalo –, e a impressão de um par de asas, formando assim uma ideia de uma criatura que não existe, mas que pode ser construída por meio de uma associação mental de impressões “reais”. Com isso, a mente humana teria um papel criativo, de acordo com as próprias palavras do filósofo Hume, ao afirmar que a mente nada mais é do que “uma espécie de teatro”, nele fluindo diversos elementos que “se sucedem em suas entradas e saídas de cena, e se misturam numa infinidade desordenada de posições e de tipos” (GAARDER *apud* HUME, 1996, p. 293).

O texto de Borges parece remeter a uma situação, na qual não há possibilidade de se conhecer algo sem, no entanto, ter tido a impressão e a experimentação deste algo face à realidade e em contato direto com aquilo do qual se quer entender. E para além dessa experiência (imediatista), como noção de alguma coisa complexa, que requer a conjugação de inúmeras impressões sensíveis para que possa ser de fato apreendida e compreendida. É o que podemos observar, portanto, da busca de Averróis pela definição de duas palavras, *tragédia* e *comédia*, encontrados no livro *A Poética*, de Aristóteles. Essas noções, por se tratarem de dois significados que remetem as mais variadas formas de experiência sensível – uma vez que a experiência teatral também trabalha com essa concatenação de impressões e sensações, demonstradas em pleno palco –, precisam ser encenadas, colocadas em ação na mais pura *mise-en-scène*, para que o seu efeito, mimético-catártico, produza no espectador uma fruição no campo estético-emocional.

Entretanto, vale destacar que, Averróis talvez nunca tenha participado de uma experiência como essa: a da dramatização teatral e da interpretação cênica. A sua realidade e o seu contexto social era outro, isto é, o ambiente intelectual no qual estava inserido era típico do mundo muçulmano e ligado ao Islã. Por isso ele nunca assistiu a um espetáculo teatral, nos moldes propostos pelos gregos. E a sua definição de *tragédia* e *comédia* ficou, nesse aspecto, comprometida e distante daquilo com o que Aristóteles se baseou para se trabalhar o significado e o sentido dos dois termos. Exemplo claro disso, foi o simples fato de Averróis não ter reconhecido na brincadeira realizada entre dois garotos – como indicado no início da narrativa borgiana – diversos elementos (cênicos) referentes a esses dois conceitos: como os de pantomima¹, do quiasmo² e de outras questões afetas à representação teatral. Muito embora, ele tenha partido de uma vivência cultural; de um *ethos* e de uma visão de mundo, com base em critérios e em modelos explicativos fornecidos pelos árabes (com a influência dos seus tradutores e dos seus estudiosos), para daí, então, dar a sua interpretação e o seu significado às palavras de Aristóteles, tal como se segue:

“Os muezins chamavam à oração da primeira luz quando Averróis voltou a entrar na biblioteca. (...) Algo lhe revelara o sentido das duas palavras obscuras. Com firme e cuidada caligrafia juntou estas linhas ao manuscrito: Aristu (Aristóteles) denomina tragédia aos panegíricos e comédias às sátiras e aos anátemas. Admiráveis tragédias e comédias são abundantes nas páginas do Corão e nos versos do Santuário” (grifo nosso) (BORGES, 1998, p. 79).

Ora, Averróis era um homem do seu tempo. Preso às suas circunstâncias e a uma realidade bastante controversa: o período medieval. Por outro lado, foi um crítico das tradições e dos dogmas religiosos do seu povo, haja vista ele ter sido banido e vivido um longo tempo exilado, no Norte da África, devido às suas ideias “heréticas” sobre a imortalidade

da alma e outros temas correlatos. E por falar em circunstâncias, há que se mencionar e fazer referência a outro grande filósofo, do século XX – espanhol assim como Averróis –, que é o Ortega y Gasset. Um dos feitos deste filósofo foi ter cunhado a expressão (e uma das mais promissoras da filosofia): “*O eu sou eu e minhas circunstâncias*”. Assim, no sistema orteguiano, pensar é uma forma de circunstanciar. E para se ter algum conhecimento, o indivíduo precisa primeiro tentar compreender a sua circunstância, o qual não é possível sem que ele tenha que se integrar a outras circunstâncias, de uma maneira tal que, ao voltar à sua própria circunstância possa melhor analisá-la.

Ocorre que, na concepção de Ortega y Gasset (1994), a circunstância de cada um de nós é parte constitutiva do nosso eu, como se aquela fosse a contraparte e a outra metade deste. Não existimos primeiro para depois nos sujeitarmos a uma situação, seja ela de ordem histórica, social, ou até econômica. Para o filósofo espanhol, o eu e as minhas circunstâncias são duas instâncias que se constituem simultaneamente, se bem que rigorosamente distintas entre si; isoladas elas são incompletas, embora sejam claramente diferentes uma da outra. De onde se conclui que, Averróis foi alguém, ao mesmo tempo, influenciado e que influenciou demandas pertinentes ao seu tempo.

Tomando como critério de análise tudo o que foi exposto até aqui, podemos dizer que Borges tentou conceber um Averróis estribado em informações e em detalhes que escapam à realidade e ao contexto em que se baseou para escrever essa estória. A sua busca é a busca de um autor por meio de um labirinto – o de Creta com o seu Minotauro –, em que imaginou este filósofo “como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como Maria Kodama e eu nos perdemos naquela manhã e continuamos perdidos no tempo, esse outro labirinto³”. Portanto, ao procurar retratar o filósofo Averróis, em seus pensamentos e em sua época, o poeta se viu obrigado a reavivá-lo e a descrevê-lo fielmente no que tange aos aspectos e aos parâmetros ficcionais, sem nenhum outro recurso a não ser aquele fornecido pela imaginação e o que o tempo nos relegou face a esse importante personagem da história da filosofia.

De forma idêntica, foi o que aconteceu com o próprio Averróis que “atirou no viu e acertou no que não viu”, como bem nos ensina o ditado popular. Isto é, ele, Averróis, ao tentar comentar o pensamento de Aristóteles, o qual remontava há mais de dois mil anos, acabou por fazer uma interpretação e/ou uma avaliação das suas ideias à luz de preceitos e de toda uma conjuntura histórico-cultural vinculada à Andaluzia, ou *al-Andalus*, o nome então utilizado pelos árabes para designar a Península Ibérica. Alguém que quis compreender e descrever um sistema de pensamento, mas que, além disso, chegou a acrescentar outras tantas ideias e conceitos a esse mesmo quadro conceitual; passando então a reinventá-lo – para não dizer que o tal pensamento tenha sido distorcido ou até deturpado – sob o seu ponto de vista, de cidadão muçulmano e que habitava a Espanha em pleno século XII d.C.. Enfim, uma situação que reflete bem as palavras do autor do Conto, em que se inspirou este artigo, Jorge Luís Borges:

“Na história anterior quis contar o processo de uma derrota. (...) Refleti, em seguida, que mais poético é o caso de um homem que se propõe um fim que não está vedado a outros, mas sim a ele. Lembrei-me de Averróis, que, encerrado no âmbito do islã, nunca pôde saber o significado das palavras *tragédia* e *comédia*. Conteí o caso; à medida que me adiantava, senti o que teve de sentir aquele deus mencionado por Burton, que pretendeu criar um touro e criou um búfalo. Senti que a obra zombava de mim. Senti que Averróis, querendo imaginar o que é um drama sem ter suspeitado o que seja um teatro, não era mais absurdo que eu, querendo imaginar Averróis, sem outro material além de alguns rudimentos de Renan, de Lane, e de Asín Palacios. (...) (No instante em que eu deixo de acreditar nele, ‘Averróis’ desaparece)” (BORGES, 1998, p. 79–80).

- 1 Pantomima: é um recurso teatral que trabalha essencialmente com a mímica. Muito utilizado por palhaços, comediantes, atores e demais intérpretes. É a possibilidade artística de tecer uma narrativa com o próprio corpo.
- 2 Quiasmo ou Quiasma: figura de linguagem que dispõe de elementos linguísticos e musicais de forma cruzada.
- 3 Trecho do poema *O Labirinto*, de Jorge Luis Borges.



Humberto Werneck

ALEXANDRE FLORES ALKIMIM

é pedagogo, graduando em filosofia, e técnico em assuntos educacionais da Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

LIÇÕES DOS

"... enquanto um pássaro detém o silêncio"

Borges

- O esquivo pássaro, no coração dos ares, modula astúcias no espaço, modela encantamentos no tempo, criando sucessivos assombros em nosso intransitivo olhar. Os pássaros dançam com inimitável elegância a competência do impossível.

- Os pássaros não disfarçam os voos, como os homens dissimulam suas escabrosas intenções. Pois que o curso daqueles que nos céus transitam, é feito do sábio apego a uma retidão sem disfarces. Com isto, os pássaros nunca choram e nem se arrependem do que fizeram, ou deixaram de fazer.

- O senso comum da epopeia dos pássaros é a cor e o canto e o enigma de suas asas, sempre nos surpreendendo. Entregues à anatomia dos ventos, os pássaros desempenham um original e vasto improviso dançante. Soltos na liturgia do voo solo, os pássaros parecem nomear nos ares a concórdia entre os seres, em contraposição à nossa doentia dedicação ao confronto e à violência.

- Absorvo a esperteza de cada pássaro, seus arroubos de seda e seus afazeres de giro e lira da leveza, acionando a solidão da criatividade para superar incertezas e ser o intérprete das distâncias. O voo de cada pássaro é uma centelha de poesia para inscrever uma coreografia da natureza no olhar dos homens.

- Os pássaros nos seduzem e intrigam ao vê-los predestinados para conduzir nossa percepção ao frêmito do indizível. Amigos íntimos dos criadores do infinito, os pássaros grafitam traços de misteriosa sagacidade na aurora dos dias. Os pássaros provocam uma reação incomum em nossos sentimentos, quando eles fazem nossa memória tentar resgatar uma experiência que vivemos, mas que nunca existiu.

- Discípulos dos céus, os pássaros são um componente do sacro-silêncio da harmonia, representando uma indispensável estiagem no horizonte da terra. Pois os pássaros surgem como um sinal de temperança, mesmo efêmero, nos



céus do nosso tempo, sempre urdindo as mais assustadoras tempestades da irresponsabilidade social.

- Pássaros vivem reelaborando os desenhos do acaso. Seus voos traçam linhas semelhantes à configuração das nuvens que usam a identidade do branco para criar refinados arabesques. As nuvens interpretam o adágio do silêncio. E, em silêncio, cobram das pessoas atitudes de sensibilidade. As nuvens são os pássaros dos deuses. Os pássaros são os pastores do homem que ao contemplar as nuvens, faz conluios com o azul.

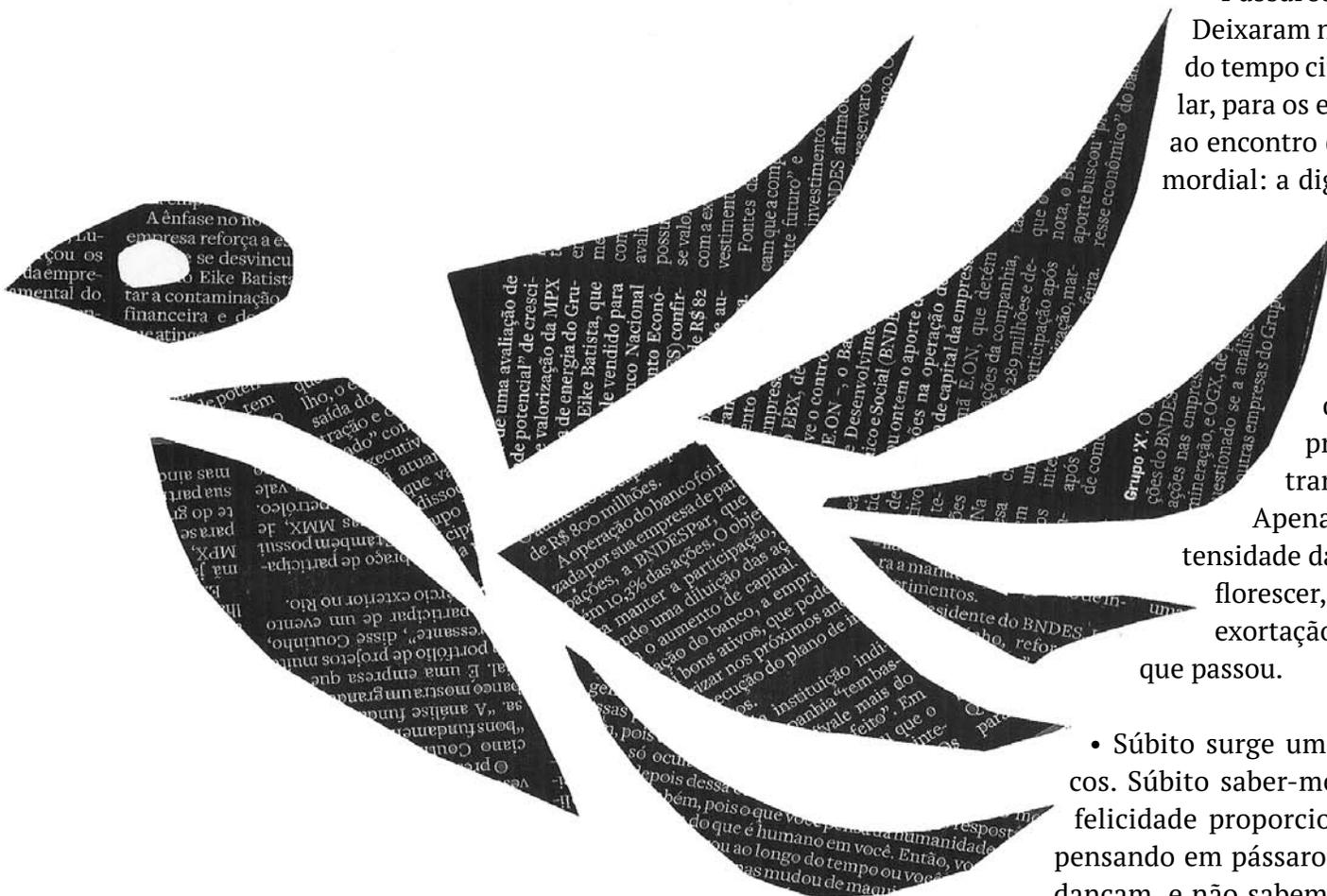
- Pássaros, palavras e poemas passaram. Deixaram no oceano dos significados os cristais do tempo cintilando como se desejassem assinalar, para os espaços do olhar, os rumos que levam ao encontro de algo cada vez mais raro, mas primordial: a dignidade! Qualidade que, felizmente, não é negociável nos balcões de nossas lambanças humanas.

- Vejo um pássaro ensaiando prelúdios para o domínio dos voos, até desaparecer entre o inalcançável das pradarias. Nada resta do voo, pássaro transfeito em memória intransferível. Apenas os dedos do sol esboçando a intensidade da vida nos canteiros da terra fazendo florescer, no pensamento das distâncias, uma exortação bailarina semeada por um pássaro que passou.

- Súbito surge um beija-flor, súbita ave sem equívocos. Súbito saber-me súbito tempo que passou. Súbita felicidade proporcionada por Debussy, que compunha pensando em pássaros. Súbitos pássaros como anjos que dançam, e não sabem, e não precisam saber, que um dia serão esquecidos durante a noite de um súbito significar, composto por um grande silêncio.

RICARDO TEIXEIRA DE SALLES

é mineiro de Belo Horizonte, poeta e artista plástico. Autor do livro *Labirinto das Aparências*, de contos.



Uma ninguém

“Estes revolucionários de uma outra época envelheceram, mas não parecem cansados. Não sabem o que quer dizer a frivolidade. Sua moral é muda, mas não dá margem à ambiguidade. Ela já não entende mais o mundo. Conhecem de perto a violência, mas o prazer pela violência é profundamente suspeito. São solitários e desconfiados, mas nem bem passamos pelo umbral que nos separa deles, o umbral de seu exílio, e um mundo de presteza, generosidade e solidariedade se abre. Quem os conhece fica espantado ao ver como são pouco indecisos e como carregam tão pouca amargura, muito menos do que seus visitantes mais jovens. Eles não são melancólicos. Sua cortesia é proletária e a dignidade, de pessoas que jamais capitularam. Não têm que agradecer a ninguém. Não tomaram nada para si, nem consumiram bolsas de estudo. O bem-estar não lhes interessa. Têm a consciência intacta. Não são tipos acabados: sua disposição física é extraordinária. Não são viciados, nem neuróticos, nem necessitam de drogas. Não lamentam nada. Suas derrotas não serviram para ensinar-lhes algo ruim. Sabem que cometeram erros, mas não voltam atrás. Os velhos homens da Revolução são mais fortes do que tudo que veio depois deles”.

(O curto verão da anarquia – Hans Magnus Enzensberger)

ELIZABETH LORENZOTTI

A minha mesa de trabalho, há não sei mais quanto tempo, uma pesquisa com recortes de jornais. A aventura do Santa Maria, por que não me esquece? Por que insiste em se fazer lembrar, ao longo dos anos, desde que eu, uma colegial, fui apresentada por um amigo trotsquista, que depois viria a exilar-se e fazer a vida por Argélia e França, nunca mais retornando a este país. Apresentada a um senhor alto demais, magro demais, solar demais, nariz comprido e adunco, mão finas, pés grandes. E que trocava os bês pelos vês, o jotas e os gês pelos xis, o que é isso, será alguma dificuldade de dicção? Eu pensava, meio tonta com todas as coisas que diziam o velho e meu amigo. Coisas da política. Coisas da revolução.

Eu queria era descobrir o mundo. E quem melhor para me ensinar do que uma personalidade solar, andarilha, revolucionária, anarquista, generosa como aquele galego, sim era galego por isso trocava os bês pelos vês, os jotas pelos xis. Essa língua é igual à portuguesa, ele me explicava, você não está entendendo tudo o que eu falo? Sim, eu estava.

Foi ele quem me apresentou a Rosalía.

Rosalía de Castro, poeta galega que suspirava de saudade:

*“Se o mar tivera varandas
fôra-te ver ao Brasil;
mas o mar não tem varandas,
amor meu, por onde hei d’ ir?”*

O velho a publicou no Brasil pela primeira vez (Editora Nós, Publicações Galicia Ceibe, São Paulo, 1966, tradução do galego e do espanhol por Ecléa Bosi). Um belo prefácio de Guilherme de Almeida, falando sobre a “troncalidà”: “Aquilo ali, a Galiza, era a “troncalidà”; a pátria primeira da minha raça; e, ainda mais, da minha língua; e, mais ainda, da minha canção”. (...) “Era a Galiza, era a Arcádia Católica, terra de pastoreios, romarias e lavras, com avelaneiras, estorninhos, pastoras louçanas, verdes pinos, ribeiros, hermanas, madres e amigos...”.

Os “Cantares Gallegos” saíram em 1863, Rosalía tinha 26 anos, filha de pais desconhecidos, casada com o crítico, historiador da Galiza, Manuel Murguía.

Pura música.

Galiza, antigo reino tornado província pobre e marginalizada da Espanha, extremo noroeste da Península Ibérica, fronteira sul com Portugal.

*“Castellano de Castilla
tratade ben ôs gallegos”.*

Têm problemas lá, sempre tiveram, de afirmar sua cultura, sua língua, parenta íntima do português – mas nem portuguesa, nem espanhola. (Galego, entre nós, paulistas, tempos atrás era sinônimo de ignorante, grosseiro, vulgar...). Lugar de peregrinos, de mistérios, de tradições, do Caminho de Santiago. Releio Ecléa: “Figura solitária e impar nas letras europeias, só comparável aos vultos do alto Romantismo (Hölderlin, Blake, Leopardi...), sente como estes entranhado amor à natureza, encontrável nos que desceram ao mais fundo do humano”.

Rosalía, vestida de negro, perto da morte, todas as tardes rumando para a Catedral de Santiago de Compostela, fins do século 19. Leram e releeram Rosalía – Antonio Machado, Unamuno, Lorca:

“Ergue-te, minha amiga,
que já cantam os galos do dia
Ergue-te, minha amada,
porque o vento muge como uma vaca!”.

A Editora Nós foi uma das tantas aventuras em que seu Xunqueira se meteu por estas plagas. A outra, um jornal de bairro, Paraíso Sete Dias, da qual fui redatora nas horas vagas do colégio. Professor de matemática. O professor Bel, o professor Junqueira. A maior de suas aventuras, entretanto, foi o Santa Maria. A última das quixotescas ações de uma raça de homens que não tem mais espaço para existir. O ano era 1961.

Un é nengum. Esse sangue fervente essa plaza esse brio de peitos empinados na dança e mulheres gordas e velhos e ninõs e esse gênio de explodir e matar e morrer e cantar com a alma a chorar lamentos mouros fincados per omnia lamentos de estraçalhar corações. E os dramas e os lábios e as faces pintadas muito pintadas e pentes nos cabelos negros e tacones lejanos.

Sevilha Barcelona Galiza sabe-se lá mas de onde mesmo era ele? Venezuela? Guatemala? Peru? De onde mesmo? Brasil? A pátria é minha língua e mais outras.

Paixões? Sempre fatais. Religiões? Revolução.

“Dar a todos os homens do mundo um pão tão grande como o tamanho da sua fome”. Sim. Revolução.

Não! Dizer não a todos os tiranos, berrar, espernear. Explodir. O último militar nas tripas do último padre. Ô bella ciao! Ô Brancaleone! Ô bandeira vermelha como o sangue e negra como o obscuro espírito humano! Ô Colônia Cecília! Ô tanto fervor, recantos da utopia, embates do obscuro espírito humano em busca da luz.

Trincheiras do impossível, fronts libertários de homens e mulheres (equivalentes, não iguais). Essas sementes tão cedo arrancadas, sempre, em toda a parte. Hoje são histórias em alguns livros, em poemas, em peças de teatro, em quadros, em filmes e em muitos corações.

Em que lado dessa guerra você estaria? São sempre apenas dois. Ou não?



Eles estavam em um dos lados, mais à esquerda da esquerda, o que era pior. Pior para a esquerda e para a direita, é claro. Retos de coração, corretos de intenção. Nascidos para ir direto à raiz: radicais.

Tanto pior para a igreja, para os políticos, para os militares, para os síndicos. Trincheiras do impossível, bradando que ao homem basta o homem, nada de Estado, nada de chefes: coronéis, presidentes, reis, papas.

Leões da revolução. Leões de fogo e dinamite, granada e o que mais que mande pelos ares a velha ordem. Fogueira para imagens, oratórios, castiçais, andores. Fogueira para os símbolos de todas as opressões. “Deus é fascista”. Os duros homens de alma adolescente e as mulheres fortes.

Mais difícil do que mudar sistemas é ter consciência da tua condição humana.

Hoje me resta dele esta lembrança que o perpetua no meu coração. Esta funda comoção. Isto que faz os homens serem imortais: o que deixam de histórias, pequenas e grandes, qualquer suspiro de saudade, qualquer exemplo de ética, qualquer mostra de generosidade, de amor, nos corações dos que os sucedem.

E num papel amarelado sua letra elegante mas um pouco difícil de compreender, em esferográfica vermelha: a tradução do “Nacimiento de Cristo”, de Federico Garcia Lorca, que publicamos em um Natal, no Paraíso Sete Dias:

“A criancinha chora, olha com um três na fronte
São José vê no feno três espinhas de bronze
As fraldinhas recendem um rumor de deserto
Com cítaras em cordas e vozes degoladas
A neve de Manhattan empurrando os anúncios

Leva graça puríssima pelas falsas oxivas
Sacerdotes idiotas e querubins de pluma
Vão detrás de Lutero pelas altas esquinas”

E mais, na minha mesa, o nome e o endereço possível do filho do seu Xunqueira em São Paulo, pesquisei na lista telefônica, no mesmo bairro do Paraíso, a quem, não sei por que, não tenho coragem de procurar. O professor Xunqueira morreu e eu nem soube. Por que eu teria me perdido dele? A revolução iminente – nós tanto a amávamos, visionários, ela teria de ser, como queríamos inexorável, cegava-nos os olhos a brétema, diria Rosalía –, o emprego no jornal, e todo aquele peso em cima de uma geração. Que tínhamos de dar conta de nos manter vivos, de lutar para derrubar o poder e de carregar os nossos mortos.

Meu amigo, aquele que me apresentou a este homem notável, teve de fugir: escapou para Trinidad & Tobago, depois para Paris, de onde me mandava cartas cifradas e pedia para trocar seu nome no sobrescrito pelo da moça francesa que viria a ser sua mulher. Tantas coisas, tantas coisas que me perdi do seu Xunqueira, enleada e desafiada e aturdida e amedrontada por elas.

Seu Xunqueira havia andado por doze países e sido expulso de 8. “Em um de meus comícios, na Venezuela, tinha trotsquistas, maoístas, calvinistas, luteranos. Seitas. Então eu mandei escrever na parede: “Morra Franco”! Morra Isabel II!” Só ficaram 40 pessoas. É tudo mentira, é uma grande vrincadeira. O homem não é homem, é macaco. Só porque anda de pé e une polegar e indicador. Isso é só para enganar biólogos”.

Palavras textuais que, em casa, ia anotando de memória, para não esquecer sua história que, eu sabia, tinha de ser escrita. E ele me contava muitas. Por exemplo, a de Camus, pai argelino, mãe espanhola, que foi lutar na guerra civil. O escritor na verdade não tinha rótulos, mas acabou no Partido Comunista. Este, como todos os partidos, fendido, fracionado. Lá se ia a guerra pelas tantas, uma não, 30 guerras. Não uma guerra civil, mas interesses mais altos. E vieram Orwell, Exupéry, John dos Passos, Malraux. E davam tudo de si no front, menos o espertinho do Hemingway, que fez uma guerrilha de drinks em salão de hotel. É o que contava o seu Xunqueira.

Quantos cadáveres boiando na história, como dizia minha amiga Iza. Quantos. Dos 47 estudantes de Filosofia da turma de 1936 em Madrid, restavam três em 1968. Os outros foram filhos da guerra, dizia o seu Xunqueira. Filhos devorados.

Gostava de caipirinha, o galego. Sempre no bar da esquina da Rua Rafael de Barros, bairro do Paraíso onde, no número 19 funcionava, na Livraria Nós Ltda. -- Livraria, papelaria e material escolar -- a redação do vibrante semanário e onde outro dia parei e entrei. É hoje uma loja de lingerie, a única vendedora estava ocupada em falar ao telefone, rodeada por várias frases evangélicas pregadas à parede.

Meus olhos percorreram o pequeno espaço retangular, a escadinha em caracol ainda estava lá. E a presença daquele homem tão alto, que não era velho, teria uns 52 anos. Sua presença tão forte – e o cigarro

sempre às mãos, e aquela entonação galaico-espanhola – é claro que não estava naquela loja de lingerie. O que é que ele teria a ver com isso?

Sua presença estava onde sempre esteve. A vendedora largou o telefone de má vontade, perguntou o que eu queria. Comprei um soutien. E ouvi um comentário com leve sotaque, vindo de longe, sobre as prosaicas necessidades humanas.

Passsei pela esquina da Rafael de Barros com a Rua Cubatão, o bar ainda está lá. Onde eu os acompanhava, ao seu Xunqueira e ao meu amigo, eles tomando suas caipirinhas, eu o meu guaraná. Os bancos altos e redondos não são os mesmos, a decoração mudou. Também mudamos nós. Eu o escuto falar, como se estivessemos ali de novo, sentados, os três, à tarde sempre, ele saboreando a bebida, girando a pequena espátula de madeira para misturar açúcar e limão à pinga. Iconoclasta, e meus olhos arregalados e meu queixo caído: “A revolução russa não foi nada. Só que agora eles tomam um pouco mais de vodka”.

Ele dizia: quando a xente pergunta a qualquer um, na rua, qual é o seu ideal, se morre de rir. O ideal do homem é o mesmo aqui, nesta rua, em São Paulo, na China, na Europa. A mesma coisa.



O DRIL – Diretório Revolucionário Ibérico de Libertação – reunia espanhóis antifranquistas e portugueses anti-salazaristas. A operação chamou-se Dulcinéia. Ou Santa Liberdade, como o navio Santa Maria, durante 14 dias, foi batizado pelo seu Xunqueira. A ação ocorreu no dia 22 de janeiro de 1961.

“Escreve-se sobre o que se faz. No princípio e no fim das contas, caso é fazer”.

Releio o belíssimo prefácio do seu Xunqueira, então Carlos Junqueira de Ambía, diretor geral do DRIL, escrito a 2 de maio de 1961 para o livro “Alô, Alô, Santa Maria Chamando!”, de Hernán Muñoz Garrido, jornalista chileno radicado no Brasil, editora Mestre Jou. O qual encontrei, surpresa, vasculhando ao acaso um sebo não me lembro qual, em 1982.

“Um dia chegará em que a unidade de medida do que se escrever será, precisamente, o que se fizer. Não importa tanto quem faz. Não recordo quem disse, creio que Carlyle, que um só homem teria sido, em cada época, o produtor de cada um dos grandes períodos históricos. Nós não cremos assim. Carlyle estaria com isso inventando um verbo. O verbo “vedetear”. O DRIL vacina-se, introduzindo no vocabulário de que se abusa outro verbo, contrário àquele, quiça menos feminino, o verbo “drilar”. Verbo triturante e ao mesmo tempo amável, como uma primavera de grilos e repique alvoroçado na longuíssima noite da Ibéria”.

O DRIL crê mais – não é carlyleano – na graça, por vezes contraditória, do provérbio, do refrão, da sentença que os povos elaboram como mel sincero de seus fracassos ou experiências. Em língua galega se diz, ou melhor, se sentencia: “Un é nengum” – (Um é nenhum). Acrescentaríamos que às vezes um é até menos que nenhum, porque uns há que não só diminuem, como até negam”.

Mas o velho era mais do que um. Era muitos. José Bello Junqueira; ou José Bel Mosqueira; ou José Junqueira de Ambía, ou de Ambíaco; ou Carlos Junqueira de Ambía; ou José Bel Junqueira de Ambía. Ou.

À uma e meia da madrugada do dia 22 de janeiro de 1961, depois de troca de tiros em que morreu um tripulante, o comandante Henrique Galvão, ex- Inspetor Geral das Colônias, tomou o controle do Santa Maria. Galvão, que participara em 1926 do movimento que instaurou a ditadura militar em Portugal, durante anos foi fiel ao regime. Mas, em África, começou a denunciar escândalos administrativos. Afastado, entrou para a oposição e acabou preso em 1953. Simulou doença, fugiu e pediu asilo na embaixada argentina. Foi para lá em 1959 e, de Buenos Aires seguiu para Caracas, onde se articulou com os asilados portugueses. Lá juntou-se ao professor Xunqueira. Que seria o mentor intelectual da ação.

Em Caracas, Galvão fez pessoalmente o levantamento do navio, visitou-o várias vezes. Os rebeldes juntaram 10 mil dólares para a operação, quando seriam precisos ao menos 30 mil – para a compra de munições, de passagens, para o treinamento etc.

Havia 600 passageiros – norte-americanos, portugueses, italianos, espanhóis, holandeses – rumo a Miami e a Lisboa. Mas os 26 revolucionários queriam desviar a rota para a África. Depois de uma comoção mundial – perseguidos por embarcações e aviões de guerra dos EUA e Inglaterra, de Portugal -- desistiram de Angola: mais de 20 aviões portugueses desembarcaram exércitos no arquipélago de Cabo Verde.

Acabaram seguindo para o Brasil, onde o presidente Jânio Quadros era uma esperança. Galvão o conhecia e se impressionara com ele, que assumiria a 31 de janeiro. Ficaram fundeados dois dias fora de águas brasileiras e finalmente atracaram no porto de Recife a 2 de fevereiro. Quadros, interessado em arejar a política externa brasileira, acabou negociando a rendição de Galvão e dos rebeldes todos, em troca de asilo e da devolução do navio aos donos.

Os últimos piratas modernos tinham apenas duas metralhadoras e 14 pistolas calibre 45. Não eram ferozes, tratavam a todos, especialmente as damas, com distinção, e aboliram a divisão de classes no navio. O enviado especial do *Jornal do Brasil*, Olavo Luiz, – que conseguiu entrevista exclusiva a bordo do navio, já no porto de Recife, durante um almoço de presuntada, salada mista, croquetes de camarão, empadas de galinha, regado a vinho do Porto – observou que ao final, como não havia garçons (todos desembarcaram), cada revolucionário tomou de seu prato e rumou para a cozinha, a fim de lavá-lo.

Mas o que queriam eles? A operação Dulcinéia queria chamar a atenção do mundo para as ditaduras de Salazar e de Franco. Queria, mesmo, acabar com elas.

A operação Dulcinéia, ou Santa Liberdade, não conseguiu derrubar as ditaduras da península ibérica. Um dos recortes de jornal, de 1970, noticia a morte de Henrique Galvão, enterrado no cemitério da Cachoeirinha, em São Paulo, por seis portugueses idosos, que não conseguiram carregar o caixão. Internado durante anos em uma clínica, com arteriosclerose, seu tratamento foi pago pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em que escreveu por muito tempo, contando sua vida aventureira.

Em outro recorte, de 1972, noticiava-se que não fora Galvão o sequestrador do transatlântico, mas outro que lançava o livro “*Yo robé el Santa Maria*”. Que Galvão apenas estava interessado em um golpe publicitário. E em outros recortes, de 1974, um jornal português recordava a saga de Galvão, que também publicou dezenas de livros de política, romances e poesias:

“Quero ser eu e não posso,
por mais que o mundo me veja
ser senão aquela coisa
que os outros querem que eu seja”

E o seu Xunqueira, onde teria sido enterrado? “Bobaxem, menina, são nossas ações que ficam, não uma cruz no cemitério”. Eu o escuto falar, sim, eu o escuto de verdade, manso como sempre. É ele quem tem me conduzido, um entre eles, porque as pessoas que se encontra já estão inscritas no livro do nosso destino, conhecê-las é lembrar-se, quem disse foi o psicanalista suíço, outro que me guia. (Ai, ai, que o seu Xunqueira não me ouça, ele não gostava nada de “sicólogos, sicanalistas, esses merrcenários de merrda, me desculpe, mas para mim não há palavrões, há palavras”.)

E eu teria que tê-lo encontrado, imagine quantas coisas precisaram acontecer a nós dois para que nos encontrássemos: ele nasceu quando seu pai tinha 80 anos e queria morrer com os sapatos postos, na luta. Era o seu Xunqueira, anarquista e, portanto, ateu, quem levava a mãe à catedral de Santiago de Compostela e a esperava à saída. Para protegê-la. Teve dois filhos, uma moça e um rapaz, este que, imagino, mora no Paraíso e que, aos 17 anos, participou com o pai do sequestro. Não conheci a mulher do seu Xunqueira.

No livro do jornalista chileno, leio que era aquele Quixote galego, aos 45 anos em 1961, sem barbas, de feições angulosas e olhar expressivo quem, entre textos literários, poéticos ou sociológicos, e bombas em Madrid ou descarrilamentos de trens pelas províncias de Espanha (“não para matar crianças ou para fazer vítimas inocentes, mas sim atemorizar os únicos terroristas que há na Península Ibérica: Franco e Salazar”), desde muito tempo dera origem ao DRIL, posto então a serviço da causa portuguesa. Que no bolso do casaco tinha o passaporte com visto de 29 de setembro de 1948, dado pelo consulado venezuelano em Lisboa.

Era um passaporte de emergência, que recebeu depois de haver saído do cárcere no Forte de Caxias. E que era professor de Contabilidade em Caracas. Mais informações não sei sobre a vida deste homem de tantos nomes, ele não teve tempo de me contar sua história toda. Aliás, não falava muito sobre sua pessoa. Sei, ainda, que era naturalista: “a alface é a mesma desde a pré-história até a era do espaço”. E que a conquista da Lua foi um triunfo do homem, e ficaram aí fazendo vitória de ideologias. E que sua pátria eram as crianças, porque é nelas que se pode acreditar e fazer com que não fiquem como os outros.

Foi ele também que me apresentou a Antonio Machado, a quem sempre citava dizendo que não há caminhos, faz-se o caminho ao andar.

No livro, leio seu Xunqueira:

“O DRIL é apenas a vontade, o desejo e a decisão -- como dizia aquele poeta galaico-venezuelano – de “dar a todos os homens do mundo um pão tão grande como o tamanho de sua fome”. Esta seria uma definição poética, porém, dentro dela, todos os homens honestos, todos os homens sinceros e todos os revolucionários – porque os revolucionários são fundamentalmente isso: homens honestos, homens simples e homens decididos – verificam que, poeticamente, podem condensar-se as mais profundas e as mais necessárias fórmulas econômicas”.

Ele transformou prosa em poesia, fez da sua vida a sua arte. Ele e seus companheiros do Santa Liberdade, jovens, todos entre 18 e 30 anos. Morreu sem saber que o caudilho espanhol, aquele garrote vil a esmagar durante décadas as vértebras cervicais de tantos homens e mulheres, apodreceu aos poucos em 1975, um ano depois da revolução dos cravos em Portugal. Eu noticiei a agonia do caudilho, dia após dia, semana após semana, mês após mês daquele 1975, na estação de rádio em que trabalhava. Em dezembro fui à Europa. Levei comigo um papel amarelado, com a letra elegante do seu Xunqueira. Pedi certa vez que escrevesse para mim algo que eu iria levar, um dia, àquele lado do mundo, e dizer em seu nome, nos cinco idiomas das nações que visitaria. Ele escreveu:

“Viva Portugal livre! Visca Catalunya lliure! Gora Euzcadi askatuta! Viva Galicia ceibe! Viva Hispania! Assim, com h. Ou Viva Iberia!”

ELIZABETH LORENZOTTI

paulista residente em Poços de Caldas (MG), é autora do ensaio "Suplemento Literário-Que falta ele faz" (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007) e do livro de poemas *As Dez Mil Coisas* (Ed. Biblios, 2012).



O ESCRVINHADOR DE SORTES

Os anos ensinam coisas que os dias desconhecem

CONTO DE EWERTON MARTINS

1

Profissão: escrevinhador de sortes. De biscoitos da sorte. Pois bem: se essa era a oportunidade, haveria de sê-lo com honra. Um escrevinhador de sortes. É isso: enfim um emprego a seduzi-lo ao trabalho.

Nada tradicional. Procurávamos (foi o que ele ficcionalizou então consigo mesmo) algum rapaz de verdadeiro ânimo; alguém capaz de atualizar aquele vasto mas tão arcaico conhecimento do I Ching. De trazer para a contemporaneidade toda aquela sabedoria; de massificar: transformar a magnífica magia daquele oráculo em algo mais palatável, acessível, moderno, dinâmico, divertido, *vendável* – e ele sentia ser o sujeito ideal para tal empreitada.

Esse de quem falo era extremamente criativo, e isso aos vinte anos, ainda que levasse ao extremo do sério o que quer que tomasse por atividade (fosse o maior dos absurdos ou o extremo da sensatez) – o que lhe dificultava o encontro e permanência em trabalhos convencionais. Era, de sobra, um tanto indiferente a tal questão – como a tantas outras mais. Tinha também um problema com o próprio nome, qual sentia não o significar plenamente: "um excentrista", houve de ser dito em um gracejo de entreouvistos quando o ouvimos pedir para não ser referido pelo de batismo. Preferia ser o "ele", apenas, ao que disse. "Curioso: ora indiferente, ora diferente" – sorriu consigo um dos contratantes mais espirituoso. Estava ao meu lado. Gostei de ouvir tal pensamento (Não imaginara, àquela hora, a profundidade e fatalidade de sua precisão).

Estranho aquele rapaz. Eu devia ter suspeitado os riscos. Mas não: como os demais, cri que daria cabo de tal empreitada. E assim ele também o fez: suspeitou a si como um que iria ao fim

das investigações, que tornaria qualquer trivialidade digna; que não se deixaria abalar por quaisquer que fossem as dificuldades – "exatamente o que procuram para esta missão tão peculiar", acreditou o incauto.

Contrato à frente, caneta à mão, cobrou de si em voz alta: "comporei para os novos biscoitos da sorte as melhores sortes possíveis! Desde que o legendário imperador Fu Hsi redigiu os símbolos do I Ching naqueles tempos chineses imemoriais; desde que o rei Zhou Wenwang e seu filho tornaram tais símbolos inteligíveis aos demais de nós, meros mortais; desde que o mestre Confúcio se deu ao monumental trabalho de fazer apêndices explicativos na vã intenção de aproximar todo aquele conhecimento dos nossos povos, esse Confúcio tão magnificamente alheio à nossa tão notável indignidade. Não, digo mais: desde que Richard Wilhelm ocidentalizou esse tão importante e menoscabado conhecimento; sim, desde aquele mágico dia em que Carl Gustav Jung o corroborou, mudando o nosso mundo para sempre. Sim! Honrarei todas as suas vozes! Gritarei como se gritasse com as suas gargantas!". Bem... O que dizer? Era do tipo que, quando queria, realmente "vestia a camisa". Naquela época, eu ainda não entendia o exato significado das coisas que o garoto dizia. Mas tornei-me um seu fã. Viciei-me em sua história. Ou melhor, em sua "proposta de ser". Na sua forma de pintar a realidade. Mas não; que nos voltemos àquele momento da história, e que eu não me adiante ao exato andamento dela.

Sim: naquele momento, ali, contrato à frente, ele sentia por dentro que seria o próximo dessa tão nobre lista. Orgulhava-se da sua nova missão entoando as palavras em voz alta, firme, confiante, decidida, enquanto assinava as várias páginas do contrato em que suspeitava haver diversas cláusulas de sigilo e orientações comportamentais. Na verdade, ansiava por elas. Orgulhava-se delas. Amava-as ao ponto de achar um crime conspurcá-las com sua leitura. Não, não ligava para essas burocracias: honraria a todos com suas novas sortes de biscoitos da sorte, quaisquer que fossem as exigências. Era o que importava. Sim, honraria a todos. Seriam dignos!, os biscoitos. E já previa o que fazer. Usaria humor para seduzir, metáforas para problematizar; rimas para enlevar as almas, lacunas para instigar o pensamento – mas tudo com absoluta fidelidade ao original: quem sabe no futuro não fosse ele também saudado como mais um dentre aqueles grandes sujeitos? Sim... Mas, na verdade, não; vaidade alguma seria alimentada àquela hora: logo ao se flagrar, buscou despojar-se de todo o ego enquanto assinava a papelada – e deu-se enfim por satisfeito por ser tomado como digno para a tarefa.

2

Mal o acordo foi selado, algo obstou, no entanto: com as mesmas mãos com que recuperávamos a caneta, entregamos-lhe um algo de dez a quinze páginas impressas de Wikipedia e afins sobre biscoitos da sorte e sinologias – confesso, hoje, que eram obviamente um tanto duvidosas.

Seu horror só não foi maior que aquele que causou em nós com o grito que deu. Não, não hesitou por um instante sequer: brigou com todas as suas forças; esbravejou como se detivesse de fato várias gargantas. Chamou de putas aquelas mulheres; de cretinos aqueles homens; de corja toda aquela gente em que eu, então subitamente envergonhado, me incluía. "Pois de forma alguma eu me prestarei a isso!" – foi o que ainda gritou, muito certo dessas certezas provisórias que sempre tomam os ainda jovens, que estão no caminho mas desconhecem o destino (e os que até vislumbram um destino, mas não se apercebem do detalhe complexo e decisivo que é cada passo).

Como se poderia supor, arregou sem muita demora: até precisava do dinheiro, mas o principal é que desejava, já e mais que tudo, aquele trabalho para si. Dava para ver em seus olhos. Eu via em seus olhos. Mais: desejava, antes de tudo, que não fosse de outro; de algum desgraçado irresponsável, pressentia o risco. E que sejamos claros: nessa época, algum ego naturalmente ainda residia ali. Pois bem: aceitou por fim o fardo – mas leria o Livro das Mutações, ao menos: foi o que conseguiu que acordássemos antes de partir.

Negociou duas semanas de prazo para suas pesquisas, de forma que, mal chegado em casa, deu-se de imediato às leituras; seguiu nelas pelos dois dias seguintes, com mínimas interrupções – apenas as naturalmente inevitáveis. Ao fim da meta, no entanto, colecionava mais dúvidas que respostas. E foi nessa hora que a ficha caiu. Não, não bastariam aquelas leituras superficiais. Aqui, resposta alguma encontraria. Sim, era isso. Uma ideia, que, mal havia chegado, já se consolidava íntegra em sua mente – aquele poder típico de sedução que só têm os pensamentos realmente ímpares. Sim: teria de ir à China. À China! Haveria tempo, cismou. E beberia direto na fonte – animava-se, já completamente arrebatado pela rapidez quase imediata com que a ideia havia se convertido em decisão.

Sacou suas economias de vida inteira (finalmente sentia haver um emprego decente para o dinheiro daquela faculdade nunca cursada), assistiu a todas as burocracias serem desembaraçadas de forma inacreditavelmente rápida (pressentia o universo finalmente conspirar consigo), comprou a primeira passagem disponível e, chegando à data prevista, partiu sem nem um relance para trás (sabia que finalmente o *grande propósito* o havia alcançado) – e tudo antes mesmo que seu prazo inicial acabasse e lhe cobrássemos os primeiros resultados.

Assim, entrou no avião de alma leve. Com ela, iniciava então a maior aventura de sua vida: seria o melhor escrevinhador de sortes de biscoitos da sorte desde os tempos mais antigos. Enfim, a dignidade alçou voo; pousou honrosa do outro lado do mundo, feliz e ávida.

3

No Oriente, as primeiras semanas foram de embaraços linguísticos e culturais, em que se pese a obviedade da questão. Logo sentiu que seu inglês, em vez de vela, era âncora por ali: matinha sua embarcação menos suscetível às intempéries de qualquer tormenta (era uma época em que ele já começava a se dar ao prazer e à profundidade de pensar a partir de imagens), mas impedia sua esquadra de seguir, de levar à frente, a toda vela, sua expedição. Comprou então diários para registrar seu progresso; começou a tomar notas de tudo o que lhe acontecia; e não demorou a se certificar da necessidade de se dar ao estudo do chinês. Não; ao estudo dedicado do chinês e do chinês arcaico: não se permitiria contaminar por versões maculadas da tão importante obra; pesquisaria nos originais, onde quer que se encontrassem.

No decorrer dos dias e do seu aprendizado, foi tomando parte da cultura do lugar; já a cultura do lugar foi se apropriando cada vez mais de todo o seu "ele". Apenas seis meses depois, estudo e prática ininterruptos, notou-se com um vigor nunca sentido antes: já lia com eficiência o idioma e conversava com desembaraço com integrantes daquela nova comunidade que o abarcava – e que, sem perceber, ele passava aos poucos a chamar de sua. Deu-se ainda a pouco mais de dois anos de foco inabalável na questão linguística: às vésperas de completar o terceiro aniversário da súbita viagem, sentiu-se – finalmente – um leitor satisfatório daquele idioma.

Nesta época, em contrapartida, já sentia plena em seu ser a sabedoria de sua eterna não sabedoria. O paradoxo socrático o enchia de ânimo e ao mesmo tempo desesperança. Foi quando migrou, de forma a fixar residência nos arredores de Wuda, na Mongólia Interior, ao Norte da China: seria apenas por algum tempo – "a se determinar", como dizia a si mesmo; o tempo que fosse necessário para certos aprofundamentos mais imediatos que sentia, sôfrego, sua pesquisa demandar.

Em dado momento, algum impreciso tempo depois, percebeu-se buscando a si mesmo no emaranhado de uma área erma onde há 300 milhões de anos – um achado seu – havia florescido uma floresta que talvez tenha sido a mais indescritível de toda a história de nosso mundo, qual ele descobriu estar soterrada, intacta, sob centenas de toneladas de cinzas – decerto resultado de alguma erupção vulcânica do passado. O portal para tal paraíso apresentou-se em uma antiga mina de carvão desativada, onde cismou então de morar – espécie de guardião da vida.

Foi alimentado por animais os mais variados durante o tempo em que fez casa ali; fizeram dele um deles. Sim, um deles: assim ele se entendia quando dividia o que a natureza ofertava com os demais habitantes daquelas ruínas, essas que encarceravam tanta vida em segredo. Pensou que grande parte da vida do mundo acontece em segredo, inclusive em segredo de quem haveria de a estar vivendo.

Amigos. Irmanou-se com os que se acostumaram com o seu redor. Passou a beber apenas água da chuva no dia em que comemorou dez anos naquela sua nova vida.

Em sua mente, vivia então não só no agora, mas também há centenas de anos antes de Cristo, em períodos anteriores até mesmo à dinastia Zhou, em períodos até mesmo imemoriais. Seus diários, que foram gradativamente transmudando da letra para a imagem, pequenos rabiscos tortos ininteligíveis até mesmo para algum sinólogo experimentado, acabaram por ser deixados completamente de lado.

Abdicou, enfim, de escrever em idiomas conhecidos. Passou a representar a vida em hexagramas, que escrevia valendo-se de uma pedra jade que encontrou no fundo da caverna-floresta – transformou-a em adaga de escrita. Cravava os símbolos nas paredes da caverna e nas árvores que encontrava em seu caminho (estas que fizeram dele um protegido). Em meio àquela floresta reclusa, sentia finalmente a grande energia do mundo o cercar por todos os seus lados possíveis e impossíveis, fluindo de fora para dentro e ao inverso. Não sei se nessa época ainda se lembrava regularmente de nós – imagino, triste e feliz, que não.

Certo dia, um pequeno riacho – que corria à entrada daquele seu paraíso nirvânico – amarelou-se por completo, e de suas águas surgiu algo que ele não conseguiu identificar como outra coisa que não um unicórnio – por mais que tal imagem lhe sugerisse algum clichê absurdo. Mas, tal como surgiu, a controversa imagem desapareceu, quase que imediatamente, para deixar os seus contornos como que pigmentados no ar – mais ou menos como faz tudo que, existente ou não, vai embora deixando para trás tudo ou até mais de si; mantendo-se mais presente que aquilo que, quando de fato presente, vislumbra distraído alguma direção.

Nesse dia, lembrou-se que o dedo serve para apontar a Lua, e que enquanto o sábio olha para a Lua, o ignorante olha o dedo. E foi justamente nesse momento que entendeu o oráculo pela primeira vez: aquele, em busca do qual ele havia partido e se partido tanto tempo atrás, quando do tempo de um convite para um trabalho em uma época já esquecida; um tempo quase imemorial. Seus vinte anos... Quando haveria de ter tido vinte anos? Sim, entendia agora o verdadeiro oráculo: aquele que sempre mostra o que é, *de fato*, indiferente à sua capacidade ou não de conseguir ver o que ele se lhe mostra: seja por não querer; seja por não saber ver. Mas sempre *o que é*.

Percebeu que ele finalmente não olhava nem para a Lua, nem para o dedo. Não existia o sábio – e não era noite: era dia. Finalmente era dia em sua existência.

Completo quatro dezenas de anos quando decidiu que era, enfim, hora de percorrer o país geografia abaixo, levando o seu silêncio – sim, pois palavra alguma pronunciava mais já há anos – do Norte ao Sul extremo da nação. Viu pássaros caminhando lentamente pelo chão, deixando lentas pegadas pelo caminho – era de fato o sinal que precisava. A grande peregrinação, enfim, começava. Nunca correria. O seu voo seguiria lento, assim como o pássaro que andava para sentir o chão mesmo podendo voar. Momento e motivo para o qual havia se preparado por toda a vida – sem saber.

4

Instantes antes de partir, comeu terra e bebeu vento: seria uma longa jornada; precavia-se. Percorridas algumas dezenas de quilômetros, cruzou com uma grande tartaruga de oito patas e quatro olhos, em cujo casco podia-se desvendar, com custo, estranhos símbolos. Sorriu-lhe e seguiu, ciente.

Os dias deixaram de ser contados. Os anos passaram a ser indiferentes entre si. Em sua trajetória, atravessou templos, alimentou-se da luz do sol, enxergou por outros olhos que não os seus, conversou – em silêncio – por um infinito inteiro com um macaco gibão: este lhe contou que eram eles alguns dos últimos de suas espécies, e que de fato o fim estava próximo, mas que o fim, de fato, nada tinha a ver com o *fim*; com qualquer fim – mas sim com algo além e aquém.

Experienciou vivências indecifráveis – mas indeléveis – até mesmo para este narrador seduzido e onipotente em que ele me transformou. Dobrou o tempo e o espaço justo por ter agido na contramão de qualquer ação – existiu, apenas, na mais precisa e nobre das inatitudes. Provou uma fruta proibida oferecida por seu novo amigo na iminência de seguir viagem. Continuou.

5

Sentindo o fim de sua jornada se aproximar, retificou seu próprio nome, muito saudoso de Confúcio, e a lágrima que despontou em seu olhar, verteu-a para dentro. De então em diante, passou a chamar a si mesmo, mentalmente (no mais profundo exercício de humildade, mimetismo pessoal e superação nostálgica), de Escrevinhador Mensageiro Silente – ou algo próximo disso, já que pronunciou tal novidade uma única vez; sons guturais pertencentes a nenhum idioma conhecido. O fez ao tempo em que encontrava uma praia um tanto deserta, no extremo sul da província-arquipélago de Hainan, no distrito de Nanshan, naquela China que àquele tempo já era toda sua, já era toda ele.

Tentou proferir ainda uma última vez aquelas não-palavras enquanto desenhava seu símbolo próprio nas areias beira-mar, mas sua voz já era a esse tempo engolida mar adentro: tinha os olhos contramarejados voltados para um Buda de mais de cem metros de altura, que se erguia em meio às águas claras do Mar da China. Quase acreditou estar sonhando ao ver aquela imagem. Era o que de mais irreal se apresentava a si até então. Mas acreditou. Tinha aprendido a acreditar – não nos olhos, mas em si.

Sorriu – permitiu-se – ao ver seu nome finalmente escrito naquelas areias claras. Mas foi um sorriso tênue. Sócrático. Imperceptível. Dos que acabam instantes antes de começar. Que só existem por força de sua enunciação, e que se restringem à duração dela, fixando nela a sua própria existência (como fazem tantas coisas mais). E próprio. Um sorriso próprio. Sabia, sentia que a jornada não mais se submetia ao tempo e ao espaço. *Ele* não se submetia mais ao tempo e ao espaço. Não haveria mais sorrisos, tampouco outras feições.

6

Nas areias daquela praia, figuraram seis linhas claras e falhas, camaleões que vinham alagartadamente do infinito e terminavam antes mesmo de acabar, mas seguindo ainda assim para todo o sempre: como a brisa que já passou, mas que justo por isso oferece ainda mais forte a sensação nostálgica do seu frescor; ou a palavra que nem pronunciada já está sendo dita, e mal calada ecoa infinita no fundo de todos os ouvidos semissurdos. Era a sua sorte, finalmente escrita – no silêncio do tudo. A minha, as sortes de todos nós, finalmente escritas: em segredo.

EWERTON MARTINS

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista, escritor e mestrando em Literatura Brasileira pela UFMG. Tem três livros inéditos: *No mundo há passeio*, romance; *Os insetos queriam evitar*, contos; e *Poesia reunida em prol do discurso próprio*, poemas.

A propósito de

o silêncio colorido
 que alexander calder
 plantou
 em cada uma
 de suas esculturas
 esvoaçantes

e a poesia
 sem pedir licença
 cobriu
 o tempo e o espaço
 dentro e fora
 de cada uma
 das esculturas
 esvoaçantes

e o silêncio
 e a poesia
 e cada uma
 das esculturas
 esvoaçantes

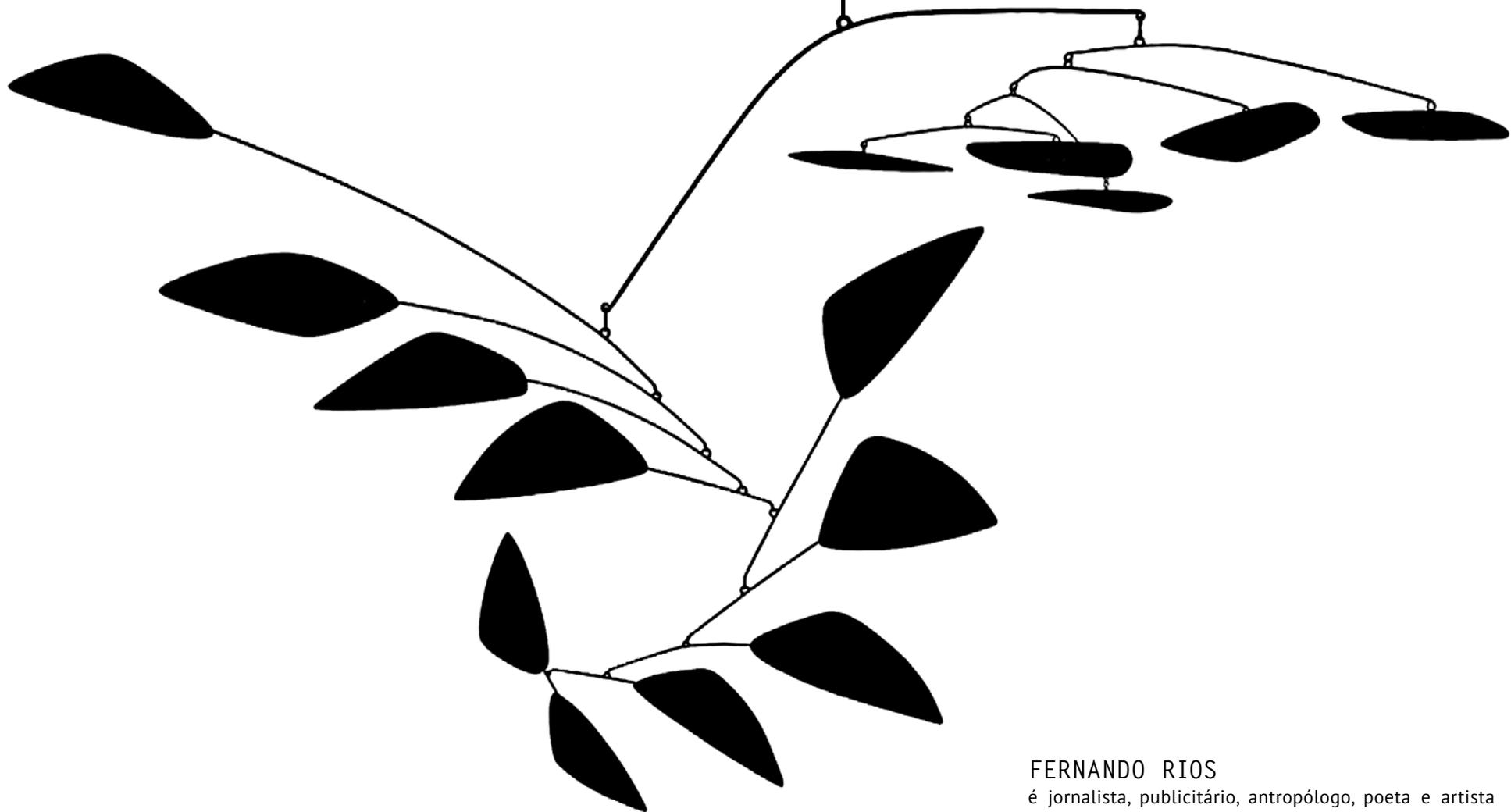
se juntaram
 e dançaram
 uma dança silenciosa
 poética
 esvoaçante

e no meio deles
 no meio do silêncio
 no meio da poesia
 no meio da escultura

gentilmente
 dançarino
 passeava
 um
 esvoaçante
 calder

Alexander Calder

FERNANDO RIOS



FERNANDO RIOS

é jornalista, publicitário, antropólogo, poeta e artista plástico. Nascido em São Paulo, foi belo-horizonte dos 5 aos 25 anos. Publicou os livros de poemas *Noite dos homens*, *Caos* (com José Renato de Pimentel e Medeiros) e *Exercício sobre a cidade/exercício sobre o corpo*.

ESCREVER E VER COM OLHOS DE ÁGUIA E DE CORUJA

EDMOND JABÈS

TRADUÇÃO DE ECLAIR ANTONIO ALMEIDA FILHO

Os poemas de Edmond Jabès, aqui apresentados pela primeira vez em tradução, pertencem ao volume *Les Deux Livres; Aigle et Chouette*, publicado em 1995 pelas Éditions Fata Morgana. Neles, delineia-se a poética, o pensamento poético de Jabès, para quem a poesia rompe com a aparência, o já dado, o lugar comum, a semelhança; busca, não o criado ou o criável, mas o incriado, o impensado, o ilimitado.

Poética da percepção (e da impercepção), canta-nos um de seus fragmentos que traduzimos:

Escrever é ver tão distintamente de dia quanto de noite.

Águia e coruja.

Águia na luz da manhã: *o escritor*: coruja, no coração da noite: *o vocábulo*.

Fundidos no mesmo e infinito olhar.

Escrever seria, então, ver o que ao longe e no invisível da escuridão total ninguém vê; ver, no invisível. Aliás, para Jabès, vemos apenas

porque todo visível toma apoio sobre um invisível, um oculto, um escondido, o que não se limita ao nosso campo de visão e percepção. O vocábulo seria a letra, a palavra que alcança sua dimensão de voz, voz vinda de alhures, que se lança para fora do livro.

Assim, quando perguntado sobre uma imagem que representaria a poesia, Jabès responde:

A poesia é a inimiga da aparência. Ela é pertença imemorial. Do jardim, ela seria, antes, a terra fecunda, úmida – essa miraculosa umidade do solo em suas profundezas. Ela poderia ser, também, seiva e raízes.

(JABÈS, 1997, p. 55)

Seiva. Raízes. O que, invisível, sustenta, fomenta a vida, a morte da árvore, da flor.

Flor, mas de fogo, a escritura de Jabès nasce de dois fogos: o fogo negro da tinta sobre o fogo branco da folha, da página em branco. Poemas que queimam, tornam-se cinzas, renascem, rebrotam, pois a poesia é eterno retorno ao começo, onde se vislumbra o futuro, o porvir.

ÁGUA E CORUJA (Aigle et chouette)

Que soulagement, pour l'esprit, que la vérité ; mais, une fois celle-ci entraperçue, quel tourment.

Que alívio, para o espírito, a verdade; mas, uma vez esta entrapercebida, que tormento.



La vérité est sans partage.
Elle est, à l'origine, déjà partagée.
Reste à légitimer le partage.

A verdade é sem partilha.
Ela é, na origem, já partilhada.
Resta a legitimar a partilha.



« Ce que tu nommes *Vérité* – disait-il – est vérité en lambeaux.
« À chacun, le sien.
« Arraché au Tout, ce misérable lambeau de vérité n'est plus que parole de blessure.
« Ayant vécu pour elle, nous mourrons de cette vérité-là. »

« O que tu nomeias *Verdade* – dissera ele – é verdade em farrapos.
« Para cada um, o seu.
« Arrancado ao Tudo, esse miserável farrapo de verdade não é mais que palavra de ferida.
« Tendo vivido para ela, morreremos dessa verdade. »



«Ce que j'ai reçu en héritage – avait-il écrit – est l'espérance d'un livre.
«Legs empoisonné. Depuis, avec chacun de mes ouvrages, c'est un peu de cette espérance qui s'évanouit.»
Et il avait ajouté : «Le chemin, patiemment tracé par l'écriture, n'est-il que la lente agonie d'un espoir vainement entretenu ?»

«O que recebi como herança” – havia ele escrito – “foi a esperança de um livro.”
«Legado envenenado. Desde então, com cada uma de minhas obras, é um pouco dessa esperança que se evanesce.»
E ele havia acrescentado: « O caminho, pacientemente traçado pela escritura, é apenas a lenta agonía de um esperar em vão alimentado? »

Écrire est un acte de silence ; acte se donnant à lire dans son intégralité.
 Plus qu'au sens, attache-toi au silence qui a modelé le mot.
 Tu apprendras davantage sur lui et sur toi, n'étant plus, l'un et l'autre, qu'écoute.

Escrever é um ato de silêncio; ato se dando a ler em sua integralidade.
 Mais que ao sentido, apegate ao silêncio que modelou a palavra.
 Tu aprenderás ainda mais sobre ele e sobre ti, não sendo mais, um e outro, que escuta.



Le fini : tout ce qui n'est plus.
 L'infini : tout ce qui est *plus*.

O finito: tudo o que não é mais.
 O infinito: tudo o que é *mais*.



Penser le silence c'est, en quelque sorte, l'ébruiter.

Pensar o silêncio é, de algum modo, gritá-lo aos quatro ventos.



Le silence n'est pas faiblesse. Il est, tout au contraire, force.
 La faiblesse de la parole est de l'ignorer.

O silêncio não é fraqueza. É, bem ao contrário, força.
 A fraqueza da palavra é ignorá-lo.



Tel l'instant pour l'instant qui le suit, le mot, dans le livre, ne saurait être lu que par le mot apparu après lui ; lire le livre n'était, peut-être, qu'amorcer une innocente lecture de l'avenir.

Tal o instante para o instante que o segue, a palavra, no livro, só saberia ser lida pela palavra aparecida depois dela; ler o livro, talvez, fosse apenas encetar uma inocente leitura do porvir.



Candeur de la connaissance ne se connaissant pas encore.
Préserver cette pureté.
Ô sagesse du premier savoir.

Candura do conhecimento não se conhecendo ainda.
Preservar essa pureza.
Ó sabedoria do primeiro saber.



On ne peut écrire l'errance : elle s'écrit seule.
Errant, je suis écriture.
La trace d'une lettre.

Não podemos escrever a errância: ela se escreve sozinha.
Errante, eu sou escritura.
O rastro de uma letra.



Et si la pensée n'était que repentir de l'impensé ; l'aveu tardif d'un remords ?

E se o pensamento fosse apenas arrependimento do impensado; a confissão tardia de um remorso?



Écrire, c'est voir aussi distinctement de jour que de nuit.
Aigle et chouette.
Aigle dans la lumière du matin : *l'écrivain* ; chouette, au cœur de la nuit : *le vocable*.
Fondus dans le même et infini regard.

Escrever é ver tão distintamente de dia quanto de noite.
Águia e coruja.
Águia na luz da manhã: *o escritor*; coruja, no coração da noite: *o vocábulo*.
Fundidos no mesmo e infinito olhar.

A PORTA PARA O INFINITO

LÁZARO BARRETO

Assim falava Guimarães Rosa: “O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob uma montanha de cinzas... escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista”. A obra de autores da estatura de Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Adélia Prado e Guimarães Rosa (para citar apenas os brasileiros) é interminável. A gente lê e ao reler percebe que todo o arsenal literário profusamente empregado pelo autor está começando, despertando novas intuições em nosso por assim dizer crivo leitorista. Quando lembro que já li quase toda a obra de todos os citados, fico na dúvida: será que li mesmo? Retomo a leitura como se entrasse pela primeira vez no auspicioso caminho – uma sensação semelhante à sensualidade do ato sexual: estamos sempre a repetir a inesgotável primeira vez. A fonte é a mesma, mas a água cristalina é cada vez mais satisfatória.

Em 1967, respondendo a um questionário de uma estudante, Guimarães Rosa afirma: “Falo português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; entendo alguns dialetos alemães, estudei a gramática do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do dinamarquês: bisbilhotei um pouco a respeito de outros”. Acreditava que estudando o espírito e o mecanismo das outras línguas podia aprofundar e conhecer melhormente o idioma nacional. As pessoas que notam a felicidade dele em todas as ocupações (médico, diplomata, jornalista, turista, namorador e, principalmente, escritor, podem até concluir que ele nasceu com a bunda para a lua, o

que não confere com o esforço e a labuta que empenhava no rol de atividades que fizeram dele um raciocinador em bloco a favor da mais lídima interpretação da vida de seu mundo).

Em alguns momentos da leitura de seus livros, penso estar, concomitantemente, diante dos quadros de Hieronymus Bosch: algo irrompe e suscita a fascinação daquele jardim das delícias no painel realista do grande sertão mineireiro: a reunião dos recantos das apoteoses, às vezes até mesmo contraditórias, da lucidez esotérica e alquímica: a luxuriante miscelânea das figuras em constante transcurso nas escarpas medonhas e nas colinas aprazíveis: um vívido conglomerado de nuvens e luzes, denodadamente esportivas e sensuais. De um lado os vaqueiros tangendo a boiada mundo afora, do outro lado as criaturas bíblicas, praticando as seitas litúrgicas e heréticas (nadando, voando, copulando) nas copiosas paisagens sertanejas e nas ínvias veredas do velho mundo sem porteiras, misturando o consternado com o indefinido, escancarando aos céus a mesma confraternização das espécies, o mesmo harmonioso corpo de baile, as mesmas artimanhas de um dia na rua ou no campo: a estranheza divina ou demoníaca da pessoa dançando no meio do redemoinho. E aí surge a sigilosa afeição entre Riobaldo e Diadorim nas intermitências de um tempo e um lugar espelhando o benquisto céu tão próximo ao temido inferno distanciado. Um e Outro (Rosa e Bosch) escrevem e pintam não na areia movediça (como diria Bandeira), mas, sim, gravam na pedra, para proveito de nosso deleite, de nossa transcendência.

“O canto dos pardais”, ele diz, “repentinamente múltiplo, gaiato e concertado, faz-me sentir que a minha angústia básica é a ânsia de



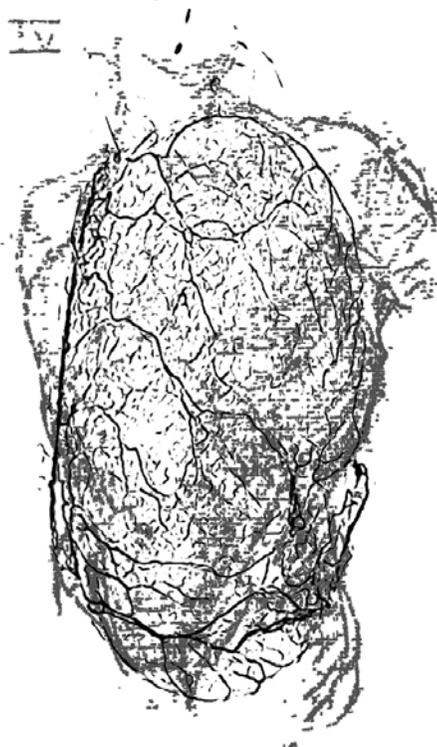
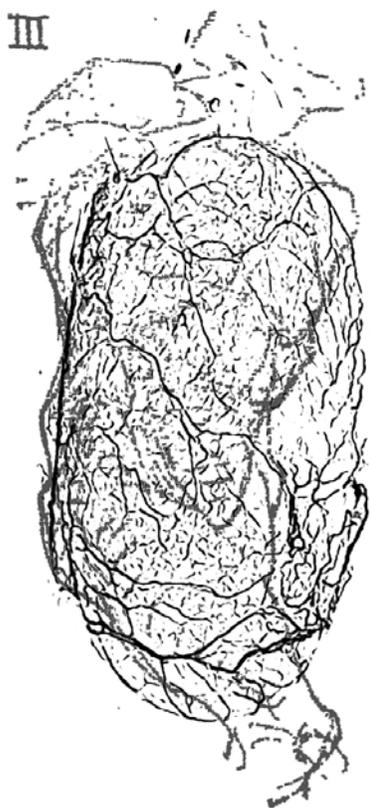
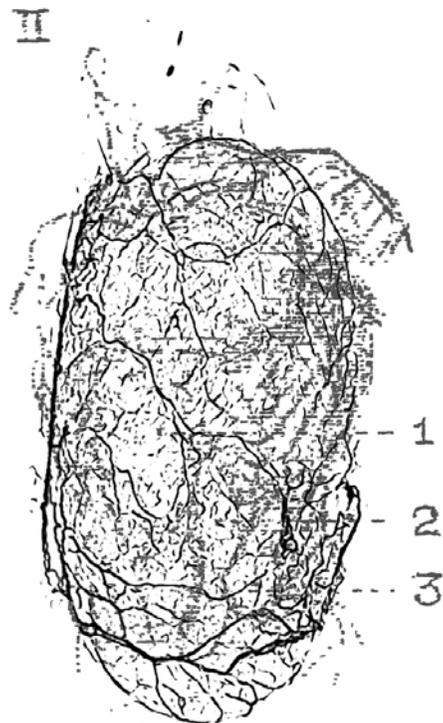
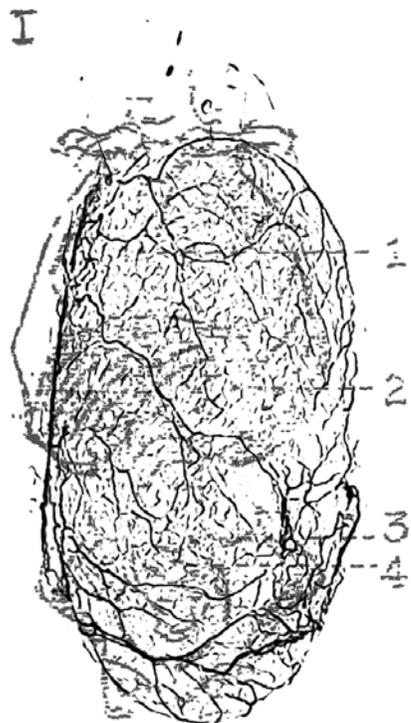
Aracy, Guimarães Rosa e seus gatos de estimação

onisciência... Por que cantam os pardais? Como vivem?” Os coros angelicais dos pássaros e cigarras: uma alma corporificada em cada árvore, em cada nesga de relva, celebrando o triunfo da vida airosa sobre a morte taciturna, reprisando cenas do Apocalipse e do Eclesiastes no espelho das águas de um rio ou no alongado das relvas na várzea retilínea. Sabemos que está além de nosso alcance a hermenêutica silvestre dos pássaros e dos insetos, do silêncio dos peixes e dos olhares das pessoas mudas. Desobrigado da veracidade vernacular, ele associa os timbres, as ressonâncias, as interrelações, para então (em arremedo?) interpretar vocal e graficamente o que antes era estranho e agora é bem natural.

Escritor regionalista? Ele mesmo derruba essa hipótese: “Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbador, rebelde a qualquer lógica, que é a realidade..., que é a gente mesmo, o mundo, a vida”. Encontrando em Aracy a pessoa que o entende e ama, ele não se constrangia em ficar amuado horas e horas tergiversando e, ensimesmado, pesquisando e conferindo os “achados” mentais para seguir na desenvoltura narrativa-descritiva do enredo que, nebuloso, relampeava em sua mente aturdida e, não raro, clareada mediante o esforço de “estar sozinho” sem melindrar o apoio e a lealdade que recebia da esposa tanto tempo alijada de sua atenção afetiva. Ela amava o que ele fazia e não apenas o que ele era. A literatura brasileira tem, pois, uma enorme dívida de gratidão com a bela e compreensiva Aracy Moebius de Carvalho, sua segunda esposa.

LÁZARO BARRETO

é sociólogo, pesquisador e escritor, publicou *Árvore no Telhado*, *Mel e Veneno*, *A Cabeça de Ouro do Profeta*, *Aço Frio de Um Punhal*, *A Lapinha de Jesus* (parceria com Adélia Prado) e *Minha Bela e Querida Divinópolis*.

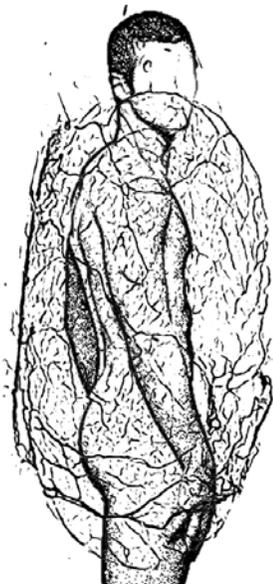


CASULO

ARNALDO ANTUNES

ileso em meu asilo
de carne e pele
passo
do impasse que me impede
ao impulso que me impele
ao impacto
e peço
ao tempo que apressa o passo
do ímpeto ao inevitável
que me livre
de empate
e me leve
leve
ao nocaute
do casulo que me isola
agora

Sebastião Miguel



ARNALDO ANTUNES

é paulista e autor de vários livros de poemas, entre eles *As coisas*, vencedor do Prêmio Jabuti em 1997. Ex-integrante do conjunto Titãs, tem vasta e consagrada obra como cantor e compositor.
